



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS/LÍNGUA ESTRANGEIRA

**CARLOS ANTUNES PINHEIRO**

**A VARIAÇÃO DO RÓTICO EM FALANTES DA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE - BA**

Amargosa - BA  
2019

**CARLOS ANTUNES PINHEIRO**

**A VARIAÇÃO DO RÓTICO EM FALANTES DA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE - BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como  
requisito parcial para a obtenção de grau de licenciado  
em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Gredson dos Santos  
Co-orientadora: Mestranda. Jailma da Guarda

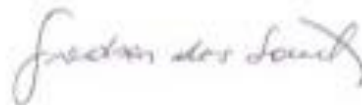
Amargosa - BA  
2019

**CARLOS ANTUNES PINHEIRO**

**A VARIAÇÃO DO RÓTICO EM FALANTES DA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE - BA**

Aprovado em: 22/02/2019

**BANCA EXAMINADORA**



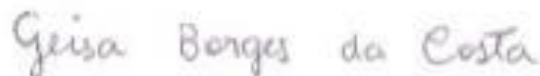
---

Prof. Dr. GREDSON DOS SANTOS (Orientador)



---

Prof. Dra. AYANE NAZARELA SANTOS DE ALMEIDA  
(URFB)



---

Prof. Dra. GEISA BORGES DA COSTA  
(UFBA)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, aquele que fez e faz tudo acontecer em minha vida; sem ele não seria nada e nem chegaria aqui.

A minha família, que é a minha base, principalmente meus pais, que, mesmo sem estudo, sempre nos incentivaram a estudar. A minha esposa, que, nos momentos em que pensei em desistir, me deu forças para continuar.

Aos meus colegas de classe, a quem eu não poderia deixar de agradecer, e em especial as que caminharam junto comigo.

A minha Co-orientadora Jailma da Guarda Almeida e ao orientador Gredson dos Santos, por terem me aceitado e colaborado comigo em todo o decorrer deste trabalho.

A todo corpo docente do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/ Libras/Língua Inglesa.

A todos os meus amigos, pelo incentivo e força que depositaram em mim.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para este sonho chegar a ser realizado.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,  
mas pensar o que ninguém ainda  
pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”  
(Arthur Schopenhauer)

PINHEIRO, Carlos Antunes. **A Variação do Rótico em Falantes da Comunidade Quilombola de Alto Alegre-Ba.** 2019. 65 f. 2019. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-Ba, 2019.

## **Resumo**

A monografia **A variação do rótico em falantes da comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba**, pautada nas concepções teóricas da Sociolinguística Variacionista, teve como propósito pesquisar a variação do /R/ em coda silábica no português afro-brasileiro expresso pela comunidade de Alto Alegre, que pertence ao município de Presidente Tancredo Neves (a 262 km de Salvador) e a partir de 2008 foi legitimada pela fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombo. O corpus estudado foi constituído de 600 ocorrências do <R> em coda silábica, extraídas da fala coloquial de seis homens e seis mulheres, sem escolarização, nascidos na comunidade, selecionados aleatoriamente de acordo com três faixas etárias: faixa I, de 20 a 40 anos; faixa II, de 40 a 60 anos; e faixa III, acima de 60 anos. Os resultados da pesquisa mostram que há duas normas na comunidade: o apagamento em coda final e a fricativa velar. Embora muitos trabalhos tenham mostrado que o apagamento do rótico é um fenômeno comum e generalizado no português brasileiro, os resultados mostraram que as taxas de apagamento na coda final na comunidade quilombola de Alto Alegre são muito mais expressivas se comparadas a outros trabalhos. Esse resultado pode indicar que o apagamento da coda final de <R> pode ter sofrido influência do processo de contato entre línguas pelo qual, possivelmente, a comunidade passou.

**Palavras-chaves:** Sociolinguística variacionista. Português afro-brasileiro. Rótico.

PINHEIRO, Carlos Antunes. **The variation of the rhotic in the speakers of the quilombola community of Alto Alegre-Ba.** 2019. 65 f. 2019. Monograph - Teacher Training Center, Federal University of the Recôncavo of Bahia, Amargosa-Ba, 2019.

### **Abstract**

This monograph The variation in the rhotic of speakers in the quilombola community of Alto Alegre-Ba, based on the theoretical conceptions of Sociolinguistic Variationist, had the purpose of investigating the variation of / R / in syllabic coda in Afro-Brazilian Portuguese expressed by the community of Alto Alegre, which is part of the municipality of Presidente Tancredo Neves (262 km from Salvador) and since 2008 was legitimized by the Palmares Cultural Foundation as remnant of the quilombo. The corpus studied consisted of 600 occurrences of <R> in syllabic coda, extracted from the colloquial speech of six men and six women, without schooling, born from the community, randomly selected according to three age groups: range I, from 20 to 40 years; range II, from 40 to 60 years; and range III, above 60 years. The survey results show that there are two rules in the community: deletion in coda position and velar fricative. Although many studies have shown that the erasure is a common and generalized phenomenon in Brazilian Portuguese, the results showed that the erasure rates in the quilombola community of Alto Alegre are much more expressive when compared to other studies. This result may indicate that the deletion in coda position of the <R> may have been influenced by the process of contact between languages through which the community may have passed.

**Keywords: Sociolinguistic Variation. Afro-Brazilian Portuguese. Rhotic.**

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	A realização variável de /R/ em coda silábica	44
Tabela 2	A realização da fricativa velar na comunidade Quilombola de Alto Alegre	46
Tabela 3	A fricativa velar em interior de vocábulo quanto à característica da vogal antecedente	47
Tabela 4	A fricativa velar em interior de vocábulo quanto à consoante subsequente	47
Tabela 5	A fricativa velar em final seguido de consoante quanto à sonoridade da consoante seguinte	48
Tabela 6	A influência da classe morfológica do vocábulo para realização velar	48
Tabela 7	Posições em que ocorrem as variantes no corpus.....	50
Tabela 8	O apagamento do rótico em interior de vocábulo quanto à característica da vogal antecedente	51
Tabela 9	O apagamento do rótico em interior de vocábulo quanto à consoante subsequente	52
Tabela 10	A influência da classe morfológica para o apagamento do rótico	53
Tabela 11	O apagamento em posição externa de vocábulo quanto à faixa etária do informante	54
Tabela 12	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à tonicidade da sílaba	55
Tabela 13	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à característica da vogal antecedente	55
Tabela 14	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à consoante subsequente	56



Tabela 15	A variante aspirada em interior seguido de palavra quanto ao sexo do informante	56
Tabela 16	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à faixa etária do informante	56
Tabela 17	A influência da posição do vocábulo para as ocorrências das variantes predominantes na comunidade: a fricativa velar e o apagamento do <R>	58

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA .....</b>	<b>12</b>
2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO .....	12
2.2 HISTÓRICO BREVE DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA .....	14
<b>2.2.1 Noção de variação linguística.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2.2 O tratamento da variação pela sociolinguística variacionista .....</b>	<b>21</b>
<b>3 ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO DE /R/ EM CODA SILÁBICA.....</b>	<b>23</b>
3.1 O APAGAMENTO DO R FINAL NO DIALETO CARIOCA: UM ESTUDO EM TEMPO APARENTE E EM TEMPO REAL.....	23
3.2 A VARIAÇÃO DO USO DOS RÓTICOS EM PORTO ALEGRE .....	24
3.3 CARACTERIZAÇÃO DE ÁREAS DIALETAIS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: ANÁLISE DE DUAS VARIÁVEIS .....	26
3.4 O APAGAMENTO DO /R/ EM FINAL DE PALAVRAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE FALANTES DO NÍVEL CULTO E DO NÍVEL POPULAR .....	28
3.5 A VIBRANTE PÓS-VOCÁLICA EM PORTO ALEGRE .....	29
<b>4 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 O português afro-brasileiro .....</b>	<b>36</b>
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>40</b>
5.1 A COMUNIDADE DE FALA EM ESTUDO: ALTO ALEGRE.....	40
<b>5.1.1 O <i>corpus</i> .....</b>	<b>42</b>
5.2 O TRATAMENTO DA VARIÁVEL: FATORES DE ANÁLISE .....	42
<b>6 Análise de dados .....</b>	<b>44</b>
6.1 A REALIZAÇÃO DA FRICATIVA VELAR NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE.....	46
6.2 O APAGAMENTO DO RÓTICO <R> NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE.....	49

6.3 A VARIANTE ASPIRADA NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE .....	54
6.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A REALIZAÇÃO DE <R> NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE .....	57
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Baseado nas concepções teóricas da Sociolinguística Variacionista, uma corrente que analisa a variação linguística cotejando dados linguísticos com elementos de natureza social (escolaridade, idade, sexo etc), interpretando a variabilidade linguística como ocorrência estruturada e regulada, esta pesquisa pretende averiguar a variação das consoantes fricativas velares /R/ em coda silábica no português expresso pela comunidade quilombola de Alto Alegre, pertencente ao município de Presidente Tancredo Neves (a 263 km de Salvador). Os informantes que forneceram as entrevistas estabeleceram certa interação pelo Projeto de Pesquisa de Santos (2013 a 2017).

A variação da consoante /R/, seguindo o modelo proposto pela sociolinguística, será configurada neste trabalho por <R>, que indica uma regra de variação, uma ocorrência variável. Assim, a variável <R> em estudo tem como variantes: 1) fricativa velar ([x, ɣ]); 2) fricativa glotal ([h, fi]); 3) apagamento (∅). A realização surda ou sonora das variantes fricativas velares ou glotais são determinadas pelo ambiente fonético em que ocorre o <R>. A aspiração apresentada neste trabalho se configura em uma substituição da consoante /R/ pela consoante /S/. Além disto, o <R> pode deixar de acontecer, caracterizando o apagamento. Eis alguns exemplos dessas variáveis: ce[x]to (certo), dita[ɣ]dinha (tarde), transpo[∅]tava (transportava), conve[∅]sá[∅] (conversar), atende[∅] (atender), to[x]nei (tornei), Robe[x]to (Roberto), mo[h]te (morte); pe[h]to (perto); pu[∅]que (porque).

Conforme apresenta Oliveira (1983, p. 93 apud Botassini, 2011, p. 1065), em relação ao rótico:

a) o apagamento é muito mais frequente e saliente em posição de final de palavra do que no interior da palavra; b) sua ausência em final de palavra é mais comum em verbos do que em não-verbos; [...] (HORA, 2009, p. 39 apud BOTASSINI, 2011, p.1065).

A averiguação desse fenômeno, no português popular brasileiro (PPB), pode ajudar no entendimento de ocorrências linguísticas contemporâneas concernentes à constituição histórica do PB.

Uma investigação de dados fonético-fonológicos do português utilizado pela comunidade de Alto Alegre, que reporta uma história quilombola, proporciona fazer um busca de ocorrências que podem ser relacionadas à interferência africana no PB, colaborando para compreender melhor se a intensidade da variação de <R> em coda silábica no português popular brasileiro, em cotejo com outras normas, pode ser relacionada à história de contato entre línguas. Os objetivos do trabalho foram: 1) Investigar a variação do rótico /R/ em coda

silábica no português falado na comunidade quilombola de Alto Alegre; 2) Analisar como se caracterizam os processos de enfraquecimento de <R> em coda silábica na comunidade de Alto Alegre, onde pode apresentar uma taxa de apagamento maior do que as comunidades que não têm um histórico quilombola; 3) Verificar se o presente quadro de variação de <R> em Alto Alegre pode ser relacionado à circunstância de sua formação histórica.

A metodologia do trabalho foi constituída por meio de entrevistas com 12 informantes estratificados quanto ao sexo/gênero (masculino/feminino) e idade (faixa etária 1: 20 a 40 anos; faixa etária 2: 41 a 60 anos; faixa etária 3: acima de 60 anos) ou seja, foram: 2 homens da faixa etária I; 2 homens da faixa etária II; 2 homens da faixa etária III; 2 mulheres da faixa etária I; 2 mulheres da faixa etária II; 2 mulheres da faixa etária III. Vale destacar que os entrevistados não possuem escolaridade.

Foram selecionadas as 50 primeiras ocorrências da variável <R> em cada uma das 12 entrevistas somando o total de 600 ocorrências. Uma das hipóteses é a de que as particularidades históricas de formação linguística da comunidade de Alto Alegre correspondem nas taxas de apagamento do <R> ainda maiores do que as taxas que vem sendo encontradas no português do Brasil. Vale destacar que a comunidade pesquisada tem um histórico quilombola que deve ter passado pelo processo do contato entre línguas, e este fator pode ser crucial para o condicionamento de taxas elevadíssimas do apagamento do <R>. Outra hipótese é que, o fator linguístico posição do vocábulo é a variável condicionadora do uso de variantes róticas.

O português popular brasileiro foi construído a partir do contato entre línguas no período da colonização do Brasil, tendo a língua alvo, a do colonizador “o português” em contraposição as línguas africanas. Para Lucchesi (2003), a formação histórica e linguística do país foram condicionadas pelo conceito de transmissão linguística irregular que caracterizou em variedades populares do português com estruturas alteradas por consequência desse contato. Compreende-se que os africanos trazidos para o Brasil tiveram que adquirir a língua portuguesa, de forma precária e sem normatização escolar, como segunda língua, caracterizando drásticas alterações na estrutura dessa língua que se tornaria o modelo de língua materna de seus descendentes mestiços.

Segundo Santos (2012), na perspectiva fonético-fonológica, as variedades linguísticas afro-brasileiras do português popular brasileiro é uma realidade heterogênea usada por comunidades rurais afro-brasileiras formadas por mestiços e brancos; de afrodescendentes e até de índio-descendentes que foram fortemente atingidos por esse contato entre línguas.

Ainda segundo Santos (2012), a comunidade quilombola de Alto Alegre foi formada por descendentes de antigos escravos que passaram pelo processo do contato entre línguas e se refugiaram em matas para fugirem da escravidão, formando quilombos e mantendo a estrutura alterada da língua portuguesa, caracterizada como o português afro-brasileiro.

O presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: no capítulo primeiro, intitulado *A teoria Sociolinguística Variacionista*, tratamos alguns conceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

No segundo capítulo, intitulado *Estudo sobre a variação do rótico /R/ em coda silábica*, verificamos alguns trabalhos que versam da variação do rótico <R> em coda silábica no português do Brasil.

No terceiro capítulo, *A formação do português Popular*, apresentamos um breve histórico da formação do português popular e das suposições que foram criadas em torno dessa formação.

No capítulo da *Metodologia* dispomos do roteiro utilizado durante a investigação para a constituição do *corpus*, da seleção de dados e da abordagem segundo à metodologia variacionista.

*Em análise da variável <R> em falantes da comunidade quilombola de Alto Alegre*, apresentamos os resultados do tratamento da variável mediante a investigação estatística computacional feita pelo programa GOLDVARB X.

Por fim, no sexto e último capítulo, fazemos as considerações finais sobre todo processo da pesquisa.

## 2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Neste capítulo expomos os conceitos teóricos da Sociolinguística Variacionista, mostrando a concepção de língua segundo o estruturalismo saussuriano e analisando os princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista. Logo após, tratamos sobre a noção de variação linguística.

### 2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO

Segundo Costa (2000), apesar de a língua e a linguagem serem estudadas há muito tempo por outras áreas do saber<sup>1</sup>, os métodos utilizados por Ferdinand de Saussure<sup>2</sup> na descrição da língua contribuíram para a formação de um campo de estudo único e com processo metodológico próprio, e permitiu que os seguidores de Saussure encontrassem em suas idéias fundamentos para desenvolver métodos e teorias novas. Ainda segundo Costa (2006). Essa corrente passou a ser conhecida como estruturalismo, ou estruturalismo europeu, e permitiu o desenvolvimento da Linguística moderna.

O fundamento base do estruturalismo repousa-se na afirmação de que “a língua é vista como “[...] um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros [...]” (SAUSSURE, 2006, p.133).

Segundo Costa (2000), Saussure fez distinções e definições sobre a linguagem, e uma delas é a dicotomia entre *língua* e *fala*. A primeira (*langue*) é a parte social da linguagem e não pertencente ao falante. Este não pode criá-la nem modificá-la. Já a segunda (*parole*), individual, é a parte que cabe ao falante no exercício do todo.

Segundo Saussure (2006), a língua é um sistema de signos linguísticos. O signo é o responsável pela ligação entre o significante (imagem acústica) e o significado (conceito). De acordo com Pietroforte (2003, p. 111), um signo tem seu valor na relação com outros signos, e “esse conceito de signo traz a significação para dentro da língua e de sua estrutura.”

Outra distinção é a divisão dos estudos linguísticos em sincrônico e diacrônico. No primeiro descreve-se o estado estrutural da língua em determinado período. Já no segundo descreve-se a língua em seu processo histórico e evolutivo, ou seja, em vários estágios sincrônicos sucessivos. Saussure preferiu os estudos sincrônicos, pois revelam como está a

---

estrutura da língua. Daí o surgimento dos fundamentos do estruturalismo europeu.

Com a evolução da Linguística, novas críticas surgiram ao estruturalismo. Uma delas é de que as teorias estruturalistas consideram a descrição da língua como o último objeto do linguista, numa condição pronta, una e acabada. Ignoram a relação desse objeto com o falante. Também ignoram o valor significativo das formas linguísticas, sendo que essas existem sem falta na comunicação humana, que são de difícil análise a partir de uma visão mecanicista que tente explicar suas organizações e seus funcionamentos através de técnicas. Essas técnicas, objetivas e rigorosas, deixam de fora inúmeros fatos e riquezas da língua (DUCROT, 1968 apud COSTA, 2000).

Em relação aos aspectos positivos, destacam-se os fundamentos que as dicotomias saussurianas forneceram para a criação e desenvolvimento da Linguística moderna. Concernente à distinção sincronia e diacronia, o estruturalismo permitiu que conhecêssemos que o falante da língua é influenciado tanto pela sociedade como pelo contexto histórico. Disso se concluiu que as variações de espaço, socioculturais, individuais etc., se opõem às formas tidas como “corretas” pela gramática tradicional, que às vezes são arcaicas (DUCROT, 1968 apud COSTA, 2000).

A ideia de variação em Saussure é explicada por meio da diversidade geográfica. Segundo Pietroforte (2003), no *Curso de Linguística Geral*, Saussure discute em *Causas da Diversidade Geográfica* o agente dessa diversidade: o tempo<sup>3</sup>, que providencia a diferenciação linguística. No entanto, essa explicação se aplica muito bem à separação de dois idiomas, mas não é capaz de explicar as variantes num mesmo território sem deixar o espaço geográfico, o que mostra que a diversidade linguística em Saussure se encaixa apenas em um dos quatro tipos de variantes lingüísticas<sup>4</sup>: a diatópica. Saussure afirma que “[...] as diversidades de meio, de clima, de configuração de solo, de costumes especiais [...] podem influenciar na língua, e que, nesse caso, as variações aqui estudadas seriam condicionadas geograficamente” (SAUSSURE, 2006, p. 230).

Saussure exemplifica que parte de um território pode ser afetada por a mudança de um som em outro, e é a existência de áreas diferentes “[...] que explica a diversidade de maneiras de falar em todos os pontos do domínio de uma língua [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 232). Para Beline (2003) é, no caso do Brasil, falar o português mesmo sabendo que existem

---

<sup>3</sup> Completa que “[...] a própria mudança, abstração feita de sua direção especial e de suas manifestações particulares, numa palavra, a instabilidade da língua, depende somente do tempo” (SAUSSURE, 2006, p. 230 grifos do autor).

<sup>4</sup> Objetos de estudo da Sociolinguística, “[...] que observa com atenção as relações entre a língua e os fatores sociais, geográficos e históricos que determinam sua realização.” (PIETROFORTE, 2003, p. 122).



diferenças lexicais entre as diversas regiões brasileiras.

Pietroforte (2003) explica a ideia de variantes linguísticas a partir da dicotomia *língua versus fala*. Segundo o autor é possível determinar formas na língua que não pertencem à só um indivíduo e nem a todos os falantes. Assim, “os diferentes sotaques, o uso de vocabulários próprios de alguns grupos sociais, a presença ou não de concordâncias verbais e nominais etc.” (p. 121) são características do uso da língua que pertencem a apenas uma parcela do todo, ou seja, são variantes linguísticas.

O autor critica a dicotomia definida por Saussure, pois nela, *língua* é um domínio social comum a todos os falantes e a fala é a parte que cabe ao falante. Assim, Pietroforte (2003, p. 121) ressalta que “[...] não há um modo de utilizá-la para um estudo das variantes Linguísticas, *que não pertencem nem a esse domínio social comum de todos [...] nem são próprias de um só falante*”.

Conforme Pietroforte (2003), a solução para o estudo das variações linguísticas surgiu na tríade proposta por Eugenio Coseriu, em que o conceito de língua abrange *sistema versus norma versus fala*, sendo que as variantes linguísticas estão nos domínios da norma e língua é o sistema articulado com suas normas.

O estruturalismo representou um avanço para o reconhecimento da Linguística como ciência e a evoluiu para a Linguística moderna. Os estudos de Saussure foram um marco importante para o reconhecido dessa ciência, bem como fez surgir críticas para a inserção das variações linguísticas e daí surgir outras áreas do saber, como a sociolinguística.

Por fim, a relação do estruturalismo com a sociolinguística é o fato de ambas correntes linguísticas estudarem a língua com perspectivas diferentes, ou seja, para o estruturalismo a língua é homogênea, una e acabada, considerando-a como sistema de signos que estabelecem relações entre si caracterizando uma estrutura autônoma, que não considera os fatores externos sociais e históricos na ocorrência da variação. Já para sociolinguística, a língua é considerada como heterogênea, inacabada, ou seja, variável, porém essa heterogeneidade não é de forma acidental ou arbitrária, mas ocorre de forma sistematizada e regulada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

## 2.2 HISTÓRICO BREVE DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

O modelo teórico-metodológico criado por William Labov denominado de sociolinguística variacionista tem como principal objetivo estudar a relação entre a língua em

uso, com a finalidade comunicativa e a comunidade. O modelo proposto por Labov considera a língua como um sistema organizado por meio do qual os falantes interagem sem nenhum problema entre si, independentemente se os indivíduos pertencerem a uma região demográfica distinta; se eles têm idades diferentes ou se eles têm níveis de escolarização distinta, ou seja, esses fatores não ocasionarão um problema de incomunicabilidade entre os falantes ou uma interferência no entendimento da interação. Porém, esses fatores extralinguísticos influenciam o modo característico distintos de fala de cada grupo social, garantindo a heterogeneidade do sistema linguístico, que também são influenciados pela estrutura da língua (Coelho et al 2015).

A sociolinguística variacionista veio contestar o modelo saussuriano e a gramática gerativa, que acreditavam que a língua era uma estrutura homogênea e invariável. Porém, esse modelo de análise criado por Labov desconsidera a perspectiva do estruturalismo e a gramática gerativa porque eles não reconhecem o papel fundamental do componente social para influência da variação linguística.

O linguista William Labov, em seu trabalho realizado em Martha's Vineyard na década de 60, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, foi quem apresentou a sistematização da variação linguística, ou seja, destacando o papel crucial do componente social para influência da variação.

O trabalho de Labov em Martha's Vineyard revela que, entre os habitantes da ilha, o ditongo /ay/ tende a ser mais centralizado, isto é, a sua pronúncia é mais perto do /e/, sendo mais condicionado por fatores sociais (extralinguísticos), ou seja, algo que é inerente aos indivíduos que está externo à língua, do que por fatores estruturais. O linguista procurou cotejar os traços linguísticos (a centralização do ditongo por parte dos moradores da ilha) e particularidades sociológicas: distribuição conforme a divisão geográfica (Up-Island, uma região rural; Down-Island, uma região urbana), classificação segundo os grupos sociais (pescadores, agricultores, operários de construções, comerciantes, profissionais liberais, e outros) segundo a etnia de origem (descendentes de ingleses, de portugueses e de indígenas), e segundo o sexo/gênero (homens e mulheres) e também uma classificação segundo a faixa etária (faixa I, de 14-30 anos; faixa II, de 31 – 45 anos; faixa III, de 46 – 60 anos; faixa IV, de 61- 75 anos e a faixa V, acima de 75 anos (COELHO et al (2015)).

Segundo Fiorin (2013), Labov realizou outros trabalhos em Nova York, como a estratificação do /r/ nas grandes lojas nova-iorquinas (Sacks Fifth Avenue, Macy's e Kleins), especificando a sua metodologia e sua teoria das familiaridades entre as estratificações

linguísticas e as sociais. Ainda segundo Fiorin (2013), neste trabalho, Labov analisou o tratamento da variável /r/ em posição pós-vocálica em vocábulos como *car, card, four, fourth*. A metodologia do trabalho ocorria da seguinte forma: o pesquisador se passava por um cliente que indagava aos funcionários das três grandes lojas, de andares diferentes, como chegar à determinada prateleira de determinado produto ou em qual andar eles se encontravam, a fim de que os funcionários empregassem a forma fonética *fourth floor*. Labov compreendeu que a forma de articulação do /r/ pelos funcionários diferenciava de acordo com o prestígio social de cada loja que exercia pressão sobre os seus funcionários para se passar por nível social alto, ou quando apresentava menor ocorrência do /r/ representava uma forma estigmatizada como um falar tipicamente nova-iorquino.

O trabalho desenvolvido por Labov foi fundamental para o progresso da teoria sociolinguística variacionista. Todavia, a efetivação dessa teoria ocorre em 1968 com o lançamento do texto, o *Empiric I Foundations for a Theory of Language Change* (Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística) escrito por Labov, Marvin Herzog e Uriel Weinrich. Eles criticam no texto, os costumes neogramáticos, estruturalista e gerativista que consideram a língua como homogênea e o modo de falar característico de um indivíduo caracterizavam como associal, defendendo que a mudança linguística ocorre nesta circunstância. Contudo, Weinreich, Labov e Herzog estruturaram um conjunto de conceitos para o estudo da mudança linguística compreendendo que a língua é um fenômeno determinado pela diversidade ordenada, sendo, também, motivada por fatores sociais.

Em relação à mudança linguística, os autores destacam cinco problemas clássicos a serem solucionados. São eles: o problema dos fatores condicionadores, o problema de transição, o problema do encaixamento, o problema de avaliação e o problema de implementação. Esses cinco problemas serão especificados a seguir.

Os problemas dos *fatores condicionadores* referem-se a “fatores efetivos para a mudança e mudanças possíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudança” (Tarallo, 2007). Para Coelho et al (2015), o grupo desses fatores “que determinar quais condições motivam ou restringem as mudanças, e, por essa razão, qual o grupo das mudanças linguísticas prováveis que garantem a sistematicidade da variação”.

O problema de transição tem relação a como e por quais caminhos a língua muda. Segundo Tarallo (2007), são “mudanças ocorridas de uma geração para outra na trajetória da estrutura A para a estrutura B”. Para Tarallo (2007), a compreensão do processo histórico da configuração estrutural de uma língua é o ponto crucial para os linguístas assimilarem o

procedimento através do qual a mudança linguística ocorre.

O problema de *encaixamento* é relativo ao fato de como uma determinada mudança linguística estar encaixada tanto no sistema linguístico quanto no social. Tarallo (2007) enfatiza que, as variantes são inerentes, delineadas por variantes com elementos linguísticos e extralinguísticos, ela especifica o modo como a mudança estaria encaixada no sistema linguístico, quanto no sistema do contexto social.

O problema de *avaliação* concerne a como o falante, pertencente de determinada comunidade, avalia a mudança e as implicações dessa avaliação sobre o sistema de mudança. Tarallo (2007) revela que o problema de avaliação refere-se a uma manifestação pertinente do indivíduo frente à mudança e frente à própria língua.

Segundo Tarallo (2007), o problema de *implementação* aponta o porquê, quando e onde determinada mudança ocorreu. A indagação da implementação é refletir por que certa mudança pode ter sucedido no tempo e no ambiente em que sucedeu e compreender porque não sucedeu em outro espaço em que existiria circunstâncias equivalentes para a implementação.

Tarallo (2007) ressalta que as considerações desses cinco problemas são essenciais para identificar de forma precisa o componente de variação e de mudanças em uma comunidade sociolinguística excedendo a explicação estrutural-funcional.

O papel da sociolinguística variacionista é confrontar as variações existentes no ambiente linguístico, de acordo com as diferenças de natureza social, compreendendo cada especialidade, o linguístico e o social, como fenômeno estruturado e regulado.

### **2.2.1 NOÇÃO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Do ponto de vista da sociolinguística, a língua é heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em processo de mudança de forma sistemática e regulada por fatores extralinguísticos e não unicamente por fatores linguísticos.

Segundo Mollica (2012), a variação linguística é uma ocorrência geral e universal que é perceptível em todas as línguas vivas no mundo, sendo que o fenômeno social da linguagem é considerado pertinente para sociolinguística, porque os distintos comportamentos linguísticos em uma determinada comunidade de fala são fundamentais para serem analisados e comprovados os fatores estruturais e sociais que motivaram a variação, garantindo e legitimando a sistematização da variação.

A heterogeneidade da língua é o princípio por onde se pressupõe a variação linguística, mas essa heterogeneidade é regulada e controlada por regras sistemáticas intrínsecas aos sistemas linguísticos e não uma heterogeneidade de forma acidental ou arbitrária.

Para Naro (2003), a língua é um sistema estruturado e controlado por regras variáveis, ou seja, há na língua duas ou mais formas variantes que podem ser utilizada pelo falante sem modificar o significado da mensagem. Porém, elas estão em competição, e a ocorrência de uma variante e não de outra, será controlada por fatores internos ao sistema linguístico ou externa a ele.

Desta forma, a variação linguística é o foco principal que deve ser priorizado pelas pesquisas que se propõem a examinar o componente social. O princípio básico da teoria da variação linguística é ratificar a sistematização da variação.

A variação linguística acontece nos seguintes níveis de uma língua: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático.

- Nível fonético-fonológico: ocorre quando um vocábulo é pronunciado de forma distinta, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição/troca de um fonema. Como acontece, por exemplo, na monotongação de [ey] que ocorre na palavra *p[ei]xe > pexe; prim[ei]ro > primero;*
- Nível sintático: acontece quando há variação na posição dos termos na construção de uma frase, ou seja, pode ocorrer mudança na ordem dos elementos, mas o sentido da frase não é alterado. E também nas construções relativas. São exemplos de variação sintática: “*O filme a que me referi é muito bom*”/ “*O filme que me referi é muito bom*”/ “*O filme que me referi a ele é muito bom*”(Coelho et al (2015), p. 28);
- Nível semântico: acontece quando existe uma variação no significado/sentido dos vocábulos, ou seja, em uma região um vocábulo vai ter um significado e em outra região ela pode proporcionar um sentido totalmente distinto. “O vocábulo *vexame* pode significar “*vergonha*” ou “*pressa*”, dependendo da origem regional do falante” (Bagno, 2007, p. 40);
- Nível lexical ocorre quando os vocábulos têm estruturas distintas, mas se referem à mesma coisa, como por exemplo, *posse, lote, terreno;*
- Nível estilístico-pragmática acontece quando em situações distintas de interação social, o falante marca uma situação por grau maior ou menor formalidade do recinto e da familiaridade entre os falantes, podendo ser utilizada pelo mesmo falante em situações diferente de interação, como por exemplo: *Vamos passear na praça?/ Vamo dá um rolê na praça?*

Esta pesquisa trabalha com a variação fonética-fonológica, uma vez que se propõe analisar a variação de <R> em falantes da comunidade quilombola de Alto Alegre.

A língua é um sistema, e a variação linguística é o fenômeno constatado nos seus distintos subsistemas, ou seja, essa variação representa maneiras diferentes de pronunciar a mesma coisa. Mollica (2012) revela que a variação linguística pode acontecer nos eixos diatópico e diastrático. Porém, existem outros tipos de variação como diafásica, diamésica e diacrônica.

A variação diatópica refere-se às diferenças linguísticas que estão associadas ao modo de fala de lugares distintos, ou seja, cada região tem um dialeto distinto de uma mesma língua, caracterizada por itens lexicais particulares, padrões entoacionais e certos traços fonológicos que respeitam os limites físico-geográficos. Segundo Coelho et al (2015), a pronúncia das vogais /e/ e /o/ pré-tônicas em vocábulos como “peteca” e “moderno”, são falados de forma diferente entre as regiões Nordeste, a Sudeste e a do Sul do Brasil, ou seja, a região Nordeste falam (*p[ɛ]teca* e *m[ɔ]derno*) e em alguns dialetos do Sudeste e do Sul falam (*p[e]teca* e *m[o]derno*).

Já a variação diastrática refere-se a uma ordem de fatores que mostra as diferentes características sociais dos falantes. Esses fatores são:

- *Classe social*: a classe social a qual o indivíduo faz parte é um fator crucial para influenciar a forma de falar, ou seja, as pessoas que fazem parte de um grupo social baixo falam de forma distinta em comparação a outros grupos sociais considerado médio e elevado. Por exemplo: “*Botaro o bardi a donde?*” revela a classe social baixa a qual o informante faz parte.
- *O grupo social* menos favorecido colabora na realização de variantes não padrão da língua, enquanto os mais favorecidos priorizam pela variante padrão. Mas essa averiguação, de certa forma, é pertinente com a profissão dos falantes e com uma diferenciação estilística.
- *Idade*: este condicionador tem proporcionado bastante análise para os sociolinguistas porque ele é fundamental para indicar a mudança linguística. “os jovens não falam da mesma forma que os velhos, nem os velhos falam como os sujeitos das gerações anteriores” (BAGNO, 2007, P. 43). O /R/ em posição medial de vocábulo (*soϕvete*), por exemplo, tende a ser apagado mais

constantemente pela faixa etária mais velha;

- *Escolaridade*: o nível de escolarização é um fator relevante na forma dos usos linguísticos dos distintos sujeitos (BAGNO, 2007, p. 43). Por exemplo, falantes com baixa escolaridade tendem a não desempenhar a concordância verbal, com em: “*nós vai*” ou “*agente vamos*”;
- *Sexo*: Coelho et al (2015) revela que homens e mulheres utilizam as possibilidades que a língua oferece de forma distinta. Alguns estudos sociolinguísticos têm apontado que as mulheres tendem a usar mais a forma padrão do que os homens, ou seja, elas são mais conservadoras do que os homens, por exemplo, como será visto mais a frente, os homens tendem realizar mais o apagamento de <R> (forma não-padrão) do que as mulheres. Esse apagamento aconteceu em palavras como soøvete (sorvete), jogaø (jogar) e saøgento (sargento).

Desta forma, a variação diastrática é um tipo de variação que está intrínseco aos distintos extratos sociais, tendo como pertinente as fronteiras sociais.

Na variação estilística ou diafásica, o indivíduo pode diferenciar o seu modo de falar, através de uma adequação referente ao contexto da interação. Essa variação acontece em distintas situações de fala, seja ela formal ou informal, exigindo dos falantes uma linguagem mais monitorada, ou seja, existe uma prudência à forma como se fala, e em situação informal, utiliza uma forma de fala mais espontânea.

Quanto à variação diamésica, Coelho et al (2015) revela que se trata de uma variação entre a fala e a escrita. Ou seja, é uma ocorrência que contém comparação entre os códigos da fala e da escrita. A única forma de analisar as distintas etapas da história de uma língua é através da variação diacrônica. Ela possibilita conhecer formas mais antigas da língua, porque as línguas mudam com passar do tempo e os estudos são relevantes para os linguistas identificarem um conjunto de fatores pertinentes para a variação da língua, são eles: origem geográfica, à idade, ao sexo, ao grau de escolarização e ao *status* socioeconômico dos falantes.

Desta forma, a sociolinguística indica que a variação é algo intrínseco a qualquer língua, sendo que os fatores linguísticos e extralinguísticos combinados entre si influenciam o modo de fala dos indivíduos, independentemente da comunidade ou da região que ele faz parte. Para a sociolinguística, os fatores extralinguísticos apresentam a mesma relevância que

os linguísticos no estudo sobre a variação, pois o controle dos condicionadores extralinguísticos possibilitará a distinção dos diferentes tipos de variação.

### **2.2.2 O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO PELA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

A sociolinguística considera que a variação na fala não é ocorrência arbitrária de uma realização incoerente dos falantes, mas um recurso sistemático e governado por um conjunto de regras que controla o domínio funcional e intrínseco aos sistemas linguísticos que é a perspectiva de variação. Conforme Naro (2003), a heterogeneidade da língua não se configura como uma variação aleatória, fortuita; de outro modo, ela possui uma regularidade, ou seja, é estruturada e sistematizada, pois as utilizações são controladas por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Segundo Tarallo (2004), a sociolinguística considera o vernáculo como elemento essencial para o estudo da variação linguística, pois ele é capturado nos momentos em que os falantes não monitoram a sua fala, ao como da enunciação.

As formas linguísticas em variação na comunidade adquirem o nome de variantes linguísticas. As variantes linguísticas envolvem diversas formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor representativo. Segundo Coelho *et al* (2015), a variante é considerada como tal, quando duas ou mais formas apresente determinados requisitos importantes que são: elas devem ser intercambiais no mesmo contexto, tendo o mesmo significado referencial/representacional.

A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. Segundo Tarallo (2007), a variável linguística se refere às diversas formas diferentes possíveis de dizer a mesma coisa, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado apresentando apenas diferenças estilística ou social.

As variáveis extralinguísticas possuem natureza social ou externa ao sistema linguístico, ou seja, são fatores como: o sexo do falante, o nível de escolaridade, a idade e a classe social. As variáveis linguísticas são fatores que se referem aos elementos internos a língua, por exemplo, a classe do vocábulo, a consoante subsequente e a vogal antecedente são elementos linguísticos que podem motivar a variação. Compreende-se que as variáveis extralinguísticas referem-se a especificidades próprias aos falantes, enquanto que as variáveis linguísticas ora envolvem o falante, ora o evento da fala.



Segundo Mollica e Braga (2003), as variáveis linguísticas são na verdade marcadores regionais facilmente evidenciados como predominantes em determinadas regiões, em consonância a indicadores sociais, sendo assim, a variação ocorre num contínuo de predisposição de usos linguísticos de comunidades de fala representadas com perfil social diferenciados.

Para Mollica (2012), as variáveis linguísticas ou extralinguísticas não atuam separadamente, mas trabalham num conjunto complexo de convergências que coíbem ou favorecem a utilização de formas semanticamente correspondentes. Desse modo, confrontando a estrutura linguística variável com fatores da estrutura social, pode-se contemplar como uma determinada variante estaria propagando-se no meio social.

A Sociolinguística Variacionista estuda a variação, compreendendo como uma origem geral e universal, suscetível a ser descrita e pesquisada. Ela considera que a variação é motivada por fatores estruturais e sociais. Compreendendo que esses fatores (linguísticos e extralinguísticos) são as variáveis independentes, que influenciam no uso da estrutura linguística ocasionando alternâncias consideradas sistemáticas e estatisticamente inevitáveis. O interesse da Sociolinguística está voltado para relação entre língua e sociedade, ou seja, ela considera a importância social da linguagem, independentemente do tamanho dos grupos socioculturais, com o foco nos diferentes comportamentos linguísticos, caracterizado como variações na fala.

Nessa perspectiva, a Sociolinguística busca compreender como se caracteriza uma determinada variação em conformidade com as propriedades da língua, averiguando o *status* social positivo ou negativo, distinguindo o grau de comportamento do fenômeno variável no sistema, identificando o processo de mudança das variantes, ou seja, se há um avanço ou um recuo da inovação, determinando se o fenômeno de variação é estável ou mudança em progresso.

### 3 ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO DE /R/ EM CODA SILÁBICA

Este capítulo tem como finalidade fazer uma revisão de alguns trabalhos que versam sobre a variação de <R> em coda silábica no português do Brasil. A verificação desses trabalhos permitirá que tenhamos uma perspectiva geral de como vêm sendo expandidas as pesquisas sobre /R/ em coda silábica no Brasil.

#### 3.1 O APAGAMENTO DO R FINAL NO DIALETO CARIOCA: UM ESTUDO EM TEMPO APARENTE E EM TEMPO REAL

Callou, Moraes e Leite (1998) fizeram uma análise do o apagamento de /R/ em posição final do vocábulo, na fala culta do Rio de Janeiro. O objetivo foi verificar se o processo representa uma variação estável ou se há uma mudança em curso.

Segundo Callou, Moraes e Leite (1998), o apagamento do /R/ em posição de coda, em final de palavras é uma ocorrência histórica no português do Brasil, sendo classificado como uma das especificidades de falares incultos e conhecido, particularmente, como um linguajar de escravos no século XVI. Compreende-se que é uma ocorrência que se tornou familiar na fala de vários grupos socioeconômico comuns.

Para a realização do trabalho, Callou, Moraes e Leite (1998) usaram a metodologia da sociolinguística quantitativa. Nesse trabalho foi realizada uma análise em tempo aparente e em tempo real de curta duração, com o intuito de averiguar se o processo constitui uma variação estável ou se há uma mudança em curso, seja a sua realização, ou seja, a sua regeneração.

Callou, Moraes e Leite (1998) usaram os dados do NURC coletados em tempos distintos, para analisar o fenômeno da consoante R no dialeto carioca, selecionando os fatores extralinguísticos: sexo (masculino e feminino) e faixa etária (I, de 25 a 35 anos; II, de 36 a 55 anos; III, acima de 56 anos). Para realização dessa pesquisa teve a participação de 66 informantes, sendo 33 homens e 33 mulheres; Ao longo do tempo, no segundo grupo, essas quantidades de informantes se reduziram para 10 participantes, divididos igualmente em ambos os sexo (5 homens e 5 mulheres); já o terceiro grupo foi composto por 18 participantes, 9 homens e 9 mulheres.

As observações nos anos 70 e 90 tiveram números de casos distintos que foram subordinados ao programa VARBRUL, indicando que as variáveis linguísticas estudadas foram: tamanho da palavra, vogal antecedente, ponto de articulação do segmento posterior,

pausa posterior, classe morfológica, elemento lexical, acento frasal ou acento lexical; as variáveis extralinguísticas são: faixa etária e gênero.

A variação articulatória ocorre em posição final de coda, onde o apagamento é analisado, mudando de uma vibrante, alveolar ou uvular, para uma fricativa, velar ou glotal, indo para o seu apagamento total.

Os dados apresentados sobre o comportamento linguístico da comunidade, em dois períodos distintos, contrastando verbos e não-verbos, quanto ao apagamento do R. Os resultados dessa análise mostram que as mulheres usam a regra da supressão, em vista que existe um acréscimo gradativo do peso relativo de 0.70 para 0.90. No que diz respeito aos homens, estes tendem a aplicar menos a regra de supressão. Os aspectos antagônicos de (Houaiss, 1970 apud Callou, Moraes e Leite (1998), p. 10) – na aceção de recuperação do segmento – e o de (D’Arc, 1992 apud Callou, Moraes e Leite (1998), p. 10) – em relação à fala culta, contudo, a análise do comportamento geral e o estudo em tempo aparente e em tempo real revelam estabilidade de uma completa supressão, sendo que os pesos relativos nos anos 70 e 90 não ultrapassam de (.50).

Para Callou, Moraes e Leite (1998), a conduta particular é variável, com ressalva das mulheres da terceira faixa etária. O quadro é típico de um modelo de gradação etária.

Vale ressaltar que, a supressão do R, ocorre no teor morfológico. Essa separação ocasiona problema para o padrão da fonologia lexical, tendo um preceito fonético variável para qual é essencial a noção morfológica. No padrão da fonologia lexical, as normas variáveis se apoiariam no nível pós-lexical, não tendo a presença dos elementos morfológicos.

Por fim, o estudo de Callou, Morais e Leite (1998) revelou que o supressão do **R** final tem sido avaliado como uma ocorrência de variação de baixo para cima que, ao que parece informar, o alcance máximo do fenômeno, ou seja, a sua popularização para todos os extratos sociais, sendo considerada atualmente como uma variação constante, sem marca de classe social.

### 3.2 A VARIAÇÃO DO USO DOS RÓTICOS EM PORTO ALEGRE

O trabalho de Botassini (2011), sobre “*A Variação do Rótico em Porto Alegre*” teve como objetivo averiguar quais variantes dos róticos em posição de coda silábica são utilizadas na fala de informantes residentes na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, bem como analisar se há condicionadores dessa utilização.

Os dados foram coletados nas entrevistas do Projeto ALiB referentes a Porto Alegre,

mais especificamente do Questionário Fonético-Fonológico. Foram selecionadas 29 perguntas que propiciavam respostas com rótico em coda silábica. Após seleção, audição e transcrição fonética dos dados, procedeu-se à sua codificação, seguindo as especificações do programa Varbrul. Foram selecionados oito informantes, nascidos em Porto Alegre, filhos de pais residentes na região, divididos igualmente por sexo (masculino e feminino), por faixa etária (1a faixa etária, de 18 a 30 anos, e 2a faixa etária, de 50 a 65 anos) e por grau de escolaridade (fundamental e superior).

Botassini (2011) analisou 220 ocorrências distribuídas entre cinco variantes: tepe, vibrante alveolar, glotal, retroflexa e zero fonético ou apagamento do rótico. O tepe representou 69,1% do total de realizações, o apagamento 12,7%, a vibrante alveolar 10,9%, a fricativa glotal 5,0% e retroflexa 2,3%. No *corpus* analisado por Botassini não houve realização da fricativa velar. Para Botassini (2011), as variantes apagamento, glotal e retroflexa acabaram sendo retiradas da amostra por terem apresentado casos de knockout, restando apenas às variantes tepe e alveolar.

Diante do exposto, observa-se que há em Porto Alegre uma preferência pelo uso da variante tepe em detrimento da alveolar, os pesos relativos indicam que a probabilidade de ocorrência de uma ou de outra variante está subordinada por diferentes fatores, tanto linguístico quanto extralinguísticos.

No que diz respeito aos fatores extralinguísticos, observou-se que os falantes com nível superior optam pela realização alveolar (P.R 0,79). Já os falantes com o ensino fundamental dão preferência ao tepe (P.R 0,83). Com relação à faixa etária, os falantes da faixa etária I dão preferência ao tepe (P.R 0,65) e os falantes da faixa etária II dão preferência à realização alveolar (P.R 0,64). Segundo a autora, a vibrante alveolar por ser uma variante mais conservadora e que exige maior esforço articulatório, provavelmente por essa especificidade apresenta peso relativo favorecedor para 2ª faixa etária. Já os mais jovens, presumem não ter preocupação com uma pronúncia, mais acentuada, o que esclareceria o peso relativo favorecedor para a vibrante simples.

Em relação aos fatores linguísticos, observou-se que o tepe é favorecido quando se encontra em coda externa (P.R 0,84). Já a vibrante alveolar é favorecida quando está em coda interna (P.R 0,64). Quanto à classe gramatical, a autora notou que os verbos favorecem a realização alveolar (P.R 0,71) e os nomes favorecem a realização do tepe (P.R 0,61).

### 3.3 CARACTERIZAÇÃO DE ÁREAS DIALETAIS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: ANÁLISE DE DUAS VARIÁVEIS

Callou e Brandão (2015), com base nos princípios teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, realizaram uma análise das médias pretônicas e da realização dos róticos em áreas dialetais. Para as autoras, os estudos realizados em diferentes regiões do país caracterizam as áreas dialetais de modo a fornecer um quadro aproximado da diversidade linguística brasileira. Neste trabalho serão destacados apenas os resultados referentes aos róticos.

Na década de 70, em pesquisa da fala culta no Rio de Janeiro, Callou e Brandão constataram que a fricativa velar é que predomina, exceto em final de coda, em que se evidencia o apagamento ou a aspiração do **R** (CALLOU, 1987). Já na década de 1990, Callou, Leite, Moraes (2002) constataram que a predominância em muitos dialetos pertencia a fricativa glotal e não a fricativa velar.

Estudos recentes (Monaretto, 2002 apud Callou e Brandão, 2015, p. 110), tendo como referência as décadas de 80 e de 90 da região Sul, já sinalizavam para uma diminuição da vibrante alveolar e um aumento da fricativa velar, em *onset*. Na posição de coda silábica, o tepe impera com (60%), seguido do apagamento do segmento com (25%).

Segundo Callou e Brandão (2015), em se tratando do rótico, em coda interna, como fricativa posterior, é possível contrapor mais ao sul – São Paulo e Porto Alegre (SP e POA) – a uma região mais ao norte, abarcando Rio de Janeiro (RJ), Salvador (SSA) e Recife (RE), tendo como referência os dados do NURC.

Em relação ao apagamento, o confronto de trabalhos realizados com os *corpora* do NURC, Callou, Leite e Moraes (2002), e com os *corpora* do PEUL, (MOLLICA; FERNANDEZ, 2003), pode-se inferir que a supressão do R, em final de palavra, tanto em verbos como em não verbos, é um dado marcante no português do Brasil, especialmente, nos infinitivos dos verbos, contexto em que a regra se encontra em estágio mais avançado. A avaliação das pesquisas já explorada revela que a queda do R transpôs qualquer estratificação social e se estendeu a todos os indivíduos falantes do português brasileiro, principalmente, em certas regiões.

Callou e Brandão (2015) revelam que os dados citados destacam uma única diferença nos dois tipos de amostra, que retratam escolaridade diferenciada, residem no aspecto quantitativo e não na qualidade da produção. Do *corpus* NURC foram analisados 2723 casos,

na década de 1970, 506, na década de 1990, da amostra recontato, e 817 da nova amostra, na década de 90. Do *corpus* PEUL, foram analisados 1359 dados, da década de 1980, e 900 da nova amostra, no ano 2000.

Para Callou e Brandão (2015), as decorrências da pesquisa revelam que a supressão é sensível a consoante (i) fatores estruturais, o mais relevante deles, classe morfológica, o que determinou a análise separada dos dados – e (ii) a sociais, tais como grau de escolaridade e faixa etária, encontrando-se em estágio mais avançado na fala de informantes que não possuem curso universitário e apresentando distribuição de uso distinto ao se cruzarem os grupos faixa etária e gênero. Ainda para Callou e Brandão (2015), a grande oposição convive, mais uma vez, na classe morfológica: nos verbos, o percentual de apagamento está sempre acima de 60% e nas demais categorias abaixo de 40%, os valores mais altos encontrando-se em falantes de menor escolarização. Percebe-se que há acréscimo do apagamento entre falantes com grau universitário, da década de 1970 para 1990, o que é um forte indício de se tratar, nos termos de Labov (1994), de uma mudança “de baixo para cima”.

Por fim, observe-se que o apagamento do **R** final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social. A avaliação da situação geral, com base nos estudos em tempo aparente e em tempo real indica antes um equilíbrio que a previsão de um completo apagamento.

Segundo Callou e Brandão (2015), a supressão em verbos é mais frequente do que nos não-verbos em quase todas as cidades, embora com percentuais diferentes. Em Salvador, a regra já não é sensível à variável classe morfológica e se aplica em todos os casos; em Porto Alegre, a frequência de apagamento não chega a 10%; e, no Rio de Janeiro, o apagamento em não-verbos já mostra uma tendência à implementação da regra, entre os falantes mais jovens.

Os trabalhos atuais de (CALLOU; SERRA, 2012; SERRA; CALLOU, 2015), apresentam a hipótese de que o nível prosódico pode influenciar a realização de apagamento, defendendo a existência da relação entre presença *versus* ausência de **R**, em posição de coda final, e o tipo de fronteira prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986 apud CALLOU e BRANDÃO, 2015, p. 115): fronteira de sintagma entoacional (IP); fronteira de sintagma fonológico (PhP) e a fronteira de palavra prosódica (Pw).

Segundo Callou e Brandão (2015), a fronteira prosódica não foi relevante para o favorecimento do apagamento do R, em coda final, na cidade de Salvador porque, já era crucial na década de 1990 entre os informantes mais jovens.

As autoras indicam que em Porto Alegre, na década de 1970, a supressão é mais comum nas fronteiras de Pw e de PhP do que na fronteira de IP, recordando que o processo variável só se aplica aos verbos, na capital gaúcha.

Conforme Callou e Brandão (2015), os resultados comprovam a relevância da fronteira prosódica para a aplicação do processo em pauta, conquanto as cidades do Rio de Janeiro e de Porto Alegre apresentem índices diferenciados de apagamento na fronteira de PhP, os quais, na primeira cidade, se aproximam dos de IP e, na segunda, dos de Pw. De toda forma, em ambas as cidades, é a fronteira mais baixa de palavra prosódica a que favorece o cancelamento do rótico.

### 3.4 O APAGAMENTO DO /r/ EM FINAL DE PALAVRAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE FALANTES DO NÍVEL CULTO E DO NÍVEL POPULAR

O trabalho intitulado *O apagamento do /r/ em final de palavras: um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular* teve como objetivo analisar a ocorrência do apagamento da consoante /r/ em final de palavras.

As entrevistas analisadas por Linares et al (2008) fazem parte do banco de dados do projeto VARPORT. Eles analisaram vinte entrevistas realizadas entre os anos de 1991 e 1998; foram nove entrevistas de falantes da variedade/registro padrão culto/informal (cinco informantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino) que possuem nível superior de instrução e onze de falantes da variedade/registro popular/informal (todos do sexo masculino), pescadores e com nível de instrução que varia de alfabetizado até a 4ª série do Ensino Fundamental.

Para esse trabalho Linares et al (2008) analisaram 435 ocorrências de /r/ em final de palavras, sendo 234 casos no nível culto e 201 no nível popular. Do total de ocorrências, o apagamento aconteceu em 324 dos 435 casos, que somou, aproximadamente, 74,5%. Já a pronúncia velar ficou em segundo lugar, com expressiva diferença para com o apagamento, ocorrendo 63 vezes, 14,5%.

Das 234 ocorrências da norma culta, 147 foram de apagamento, seguido pela pronúncia velar com 56 ocorrências e, em terceiro lugar, a junção do /r/ com a vogal posterior, com 31 ocorrências.

Linares et al (2008) observaram que dentre as mulheres (116 ocorrências, no total) houve apagamento do /r/ em 55,17% dos casos (64), pronúncia velar em 29,30% (34) e junção

com a vogal posterior em 15,53% (18) das ocorrências. Já entre os homens (118 casos, no total) o apagamento aconteceu em 70,35% dos casos (83), pronúncia velar em 19% (22) e apenas 10,65% de junção do /r/ com a vogal posterior

No que diz respeito à norma popular, verificou-se novamente o predomínio do apagamento do segmento /r/ em fim de vocábulos, em 177 dos 201 casos observados, em segundo lugar surge a pronúncia velar com 7 ocorrências e a junção do segmento fônico /R/ com a vogal inicial da palavra posterior apareceu em 17 casos.

Segundo Linares et al (2008) é possível atribuir essa grande recorrência do apagamento ao tipo de atividade exercida pelas pessoas. Se a atividade exigir uma dinamicidade na comunicação, a fala tende a ser simplificada para permitir a rapidez na transmissão da mensagem de um interlocutor para seu ouvinte estabelecendo assim a comunicação rápida, efetiva e dinâmica.

No que diz respeito aos ambientes que contribuem para o apagamento de /R/, os autores constatam que a recorrência é maior entre os verbos com 292 casos (67,12% do total) contra 143 ocorrências (32,88%) do apagamento em nomes.

### 3.5 A VIBRANTE PÓS-VOCÁLICA EM PORTO ALEGRE

Monaretto (2002) realizou um trabalho fazendo uma análise sobre a vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. O trabalho tem como objetivo analisar o comportamento da vibrante através dos tempos, orientada pela metodologia da sociolinguística variacionista.

Neste trabalho, Monaretto (2002) utilizou 12 entrevistas de informantes de ambos os sexos, distribuídos em três faixas etárias: 25 a 39 anos; 40 a 54 anos; 55 anos em diante, consideradas como variáveis extralinguísticas. A autora designou as amostras, com intuito de expor os dados, em cada década respectivamente, 70, 90 e final de 90, simultaneamente.

As variáveis linguísticas controladas por Monaretto (2002) foram *posição da vibrante no vocábulo* (interna ou externo), *contexto precedente* (vogal anterior, vogal posterior), *contexto seguinte* (oclusiva, fricativa, nasal, lateral, vibrante, africada, vogal ou pausa), *classe morfológica* (verbo; não-verbo) *extensão do vocábulo e ritmo* ( fala normal ou fala acelerada).

Para Monaretto (2002), a supressão da vibrante está aumentando, tomando o lugar do tepe, uma variante peculiar do dialeto Sul, e que a fala de Porto Alegre, em semelhança ao apagamento da vibrante pós-vocálica, está predominante em outros dialetos brasileiros, apresentando um estágio mais avançado (Oliveira, 1993; Callou, Moraes e Leite, 1998 *apud*



Monaretto, 2002, P. 03).

Monaretto (2002) constatou que o apagamento do /r/ pós-vocálico está sendo favorecido na variável posição do vocábulo. Sendo a posição externa o ambiente mais propício para manutenção da regra do apagamento. Em relação à classe morfológica, os verbos, a autora indica que esta é uma variável de destaque para queda do /r/. No que diz respeito à extensão do vocábulo, a autora observou que o apagamento é favorecido em vocábulos com até duas sílabas (P.R 0,54), já os vocábulos com três ou mais sílabas (0,40). A variável contexto precedente se mostrou relevante para o favorecimento do apagamento do rótico em final de vocábulo, em especial os verbos, conforme Monaretto (2000), a prioridade da supressão do r-final ocorre no ambiente precedente de *vogal posterior (O)*.

Em relação à variável sexo do informante, Monaretto (2002) destacou que a mulher, em oposição aos homens, lidera o *ranking* do apagamento com peso relativo de 0,58, enquanto que os homens obtiveram o peso relativo de 0,40. Para Monaretto (2002), esse resultado revela uma mudança em progresso.

Os resultados encontrados por Monaretto (2002) revelam que a vibrante pós-vocálica em Porto Alegre configura-se como um processo de mudança em que a utilização da variante *tepe* diminui e o apagamento aumenta. Conforme a autora, a supressão da vibrante está pertinente à posição do rótico em final de vocábulo, alcançando a classe gramatical dos verbos.

#### 4 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Segundo Lucchesi (2004), as línguas que predominavam no território brasileiro antes do período da colonização, eram as línguas indígenas, com cerca de 1.200 línguas. (cf. RODRIGUES, 1993a, 1993b, apud LUCCHESI, 2004, P. 196). O período de colonização das terras brasileiras ocasionou o violento genocídio linguístico das línguas indígenas, com desaparecimento de 85% dessa diversidade linguística.

No Brasil, as línguas indígenas que hoje existem, são faladas por um número pequeno de 200 mil indivíduos, se comparado aos anos de 1500, onde viviam milhões de índios no país. Para Lucchesi (2004), a língua indígena mais falada, por cerca de 20 mil indivíduos é a língua Tikuna, no rio Solimões.

A finalidade dos jesuítas no período de colonização do Brasil era assimilar a língua da terra e criar uma gramática da língua denominada por *brasílicas* e depois consagrada como língua geral, com o intuito de promover a comunicação entre os portugueses e os indígenas, na Capitania da Bahia, na Foz do rio São Francisco ao sul do rio Jaguaripe, onde iniciou o núcleo da colônia desde 1549, com os tupinambás.

Para Silva (2004), com o sucesso da gramática do padre Anchieta e de Luís Figueira, em 1621, possibilitou a alfabetização dos índios através das missões jesuíticas. O êxito dessa gramática foi muito importante para a difusão da chamada língua geral nos interiores brasileiros, levada pelos bandeirantes saindo de São Paulo. Ainda para Silva (2004), essa língua geral foi expandida através da oralidade, sem nenhuma normatização escolar e em situação de aquisição imperfeita ou precária que, para Lucchesi (2001), se trata de um conceito de “transmissão linguística irregular”, nessa situação de aquisição, os indivíduos eram forçados a situações bilíngües (português/língua geral) ou multilíngües (português/língua geral/línguas indígenas e/ou africanas).

A política geral e a política linguística pombalinas foi o grande marco no período colonial que definiu a língua portuguesa como a língua oficial da colônia brasileira e a partir daí, ocorre o estímulo ao ensino, antes era designado pelos jesuítas em 1549, com a finalidade de catequizar e colonizar os índios. Em prol da chamada língua geral indígena de base tupinambá, e do latim, a língua de prestígio do mundo ocidental.

Conforme Silva (2004), a língua geral não pode ser considerada como homogênea porque desde o século XVI, foi comprovada a junção do português com as línguas indígenas no período da colonização do Brasil. A essa língua familiar da área cultural no século XVIII, que (Darcy Ribeiro, 1995, P. 361-404 *apud* Silva, 2004, P. 78) determinou como “Brasil

caipira”. Entende-se que isso retrata a área meridional e central do Brasil, onde ocorreu o contato das línguas. No norte do país, a língua geral se expandiu no decorrer do século XVII, caminhando junto com a colonização do Maranhão à Amazônia e com evidências ainda no nheengatu do Médio Rio Negro, do rio Xié, do baixo Içana, próxima da Venezuela (Taylor 1985, P. 5-6 *apud* Silva, 2004, P. 78) retratando uma história diferente da língua geral do chamado Brasil caipira.

A Língua Geral Paulistana predominou em São Paulo até o final do século XVII, pois com a chegada de 800 mil colonos portugueses influenciados pelo ciclo do ouro no século XVIII, ocasionou o declínio do uso da LGP, difundindo a língua portuguesa nas regiões (cf. LUCCHESI, 2000, P. 43-48).

Em Pernambuco e na Bahia, nos séculos XVI e XVII, considerados como os grandes eixos econômicos do período colonial, onde se desenvolveram a cultura agro-exportadora da cana de açúcar, revelaram uma relação violenta entre os colonizadores e os indígenas, de puro extermínio, com a contribuição das epidemias de varíolas para redução dos povos indígenas (RODRIGUES 1996, P. 11-2 *apud* LUCCHESI, 2004, P. 203).

O processo de dizimação dos povos indígenas contribuiu para que ocorresse uma ampla importação de escravos africanos para o Brasil, iniciando um processo de miscigenação entre o branco, o negro e o índio, caracterizando o predomínio linguístico do colonizador.

No período do tráfico negreiro não se sabe o número exato de escravos que foram trazidos da África para o Brasil, no entanto, estima-se entre três milhões a 13 milhões (SIMONSEN, 1937; CALÓGERAS 1927[1957] *apud* LUCCHESI, 2004, P. 205). Com a chegada dos negros africanos na sociedade brasileira e a sua miscigenação com o colonizador foram elementos fundamentais na formação cultural e linguística do Brasil.

Segundo Lucchesi (2004), Os negros africanos trazidos para o Brasil nas condições de escravos pertenciam a dois pontos da costa ocidental da África: no litoral da Guiné e em Angola. Os indivíduos pertencentes à Guiné eram falantes da língua kwa (iorubá, conhecido como nagô) formado por diversidade linguística que foi muito usada na Bahia. Já os indivíduos de Angola, falavam as línguas banto (com usos mais comum para o quimbundo e o quicongo), entrando no Brasil através do porto Rio de Janeiro e se propagando em todo o país. Porém, foi constatado um único registro histórico de língua geral africana, uma língua kwa conhecida como fon, em Ouro Preto, em 1741.

Desta forma, ocorreu gradativamente a substituição da língua materna (línguas francas africanas) para o uso da segunda língua (português), considerado socialmente como código de

comunicação mais pertinente, porque eram forçados a aprender de forma precária, as ordens dadas pelos seus senhores, para em seguidas serem logo executadas, apenas visando o lucro financeiro e até ocasionar o total desaparecimento das línguas maternas dos escravos. Compreende-se que até hoje, é possível perceber o reflexo dessa aquisição da língua portuguesa de forma alterada, sem base e sem normatização escolar, falada até os dias atuais.

Os autores Baxter (1992), Baxter & Lucchesi (1997) e Lucchesi (1998a, 1999 e 2001) *apud* Lucchesi, 2004, P. 208) afirmam que foi fundamental o contato entre o português e as línguas africanas na formação histórica da linguística brasileira, porque, segundo Lucchesi (2004), esse processo confirma o conceito teórico de TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR, pelo qual passou as comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, ocasionando um processo de criouliização leve ou semi-criouliização, com uma aquisição precária por parte de falantes africanos da língua portuguesa como segunda língua, ou seja, gerando alterações na estrutura dessa língua, originando a variedades populares do português que consequentemente, seria o modelo de língua materna para os seus descendentes.

Portanto, os africanos e os afro-brasileiros foram considerados o principal agente da difusão do português geral brasileiro pelo país, mesmo apresentando às situações multilinguismo/multidialealismo no Brasil colonial.

O problema da difusão do português brasileiro está associado ao país ser unilíngüe, sendo que em sua construção histórica desde 1500 à XVIII temos um multilinguismo/multidialealismo generalizado.

No ano de 1872, a grande parte da população brasileira já apresentava um índice elevado de analfabetismos no país, com 99,9% entre os escravos e de 80% a 86% entre a população livre, em relação aos homens, porém, em se tratando das mulheres, os índices foram mais elevados (Fausto, 1994 *apud* Silva, 2004).

Segundo Silva (2004), a polarização destacada por Lucchesi é fruto de “um abismo entre a elite letrada da grande massa de analfabetos e gente com educação rudimentar” (Fausto, 1994, P. 237 *apud* Silva, 2004, P. 72). Porém, se no século de 1872 foi destacado esse abismo profundo de desigualdades entre a elite e a grande massa de analfabetos, imaginemos o quanto profundo não era o abismo no período dos três séculos coloniais? No início do século XIX, havia apenas 0,5% de letrados no país (Houaiss, 1985, P. 137 *apud* Silva, 2004, P. 72).

De acordo com Silva (2004), a língua vinda de Portugal já apresentava alguma variação, porque existiam diferenças sociais nas variantes aqui chegadas, porque não existia

uma comunidade linguística socialmente homogênea entre os fornecedores de mão-de-obra, “colonos” e os colonizadores da alta administração.

Para Silva (2004), existia uma diferenciação sociolinguística, que separava os portugueses letrados, de maior e menor nível de cultura letrada, ressaltando o clero, e os não-letrados, os analfabetos, que possivelmente formou a grande massa da população.

O processo de mudança linguística do português europeu ocorreu também na “corrida do ouro” no final do século XVII, e na vinda da Família Real em 1808 e depois os emigrantes. O processo de mudança pelo qual é considerada comum, sendo que as línguas consideradas históricas em uso por uma sociedade são influenciadas por fatores linguísticos e sócio-históricos.

Alberto Mussa (1991, P. 165-207 *apud* Silva, 2004, P. 82) indicou que o português popular caracterizou sempre pela realização menos marcada e menos estigmatizada, porém, não priorizando o que seria o português com alterações do modo europeizado nem o que seria o português com alterações promovido pelo modo africanizado.

Algumas hipóteses sobre a história linguística do Brasil e sobre a formação do português brasileiro foram defendidas pelos autores (Houaiss, 1985; Mussa, 1991; Naro e Scherre, 1993 *apud* Silva, 2004, P. 83) que não constituiu no Brasil uma língua de base africana, por motivos da desumanizante política do tráfico que desarticulava desde a África a formação de grupos de indivíduos co-étnicos e possivelmente os co-língues, com o intuito de não possibilitar nenhuma manifestação contrária ao regime escravista; conseqüentemente, não existiu no Brasil uma formação familiar plena de escravos, que garantisse uma criouliização de base africana.

Para Lucchesi (2001), o linguista e filólogo Serafim da Silva Neto na década de 1950, já sinalizava para a ocorrência de duas vertentes, caracterizando uma bipolarização da língua (culto e popular), como relevantes para o processo de formação linguística do Brasil.

A democratização dos padrões culturais e linguísticos, com a vulgarização do ensino público e o fenômeno dos meios de comunicação de massa, foram fortes influenciadores que fortaleceram no afrouxamento normativo no português culto, caracterizando a mudança na norma culta. Conforme Lucchesi (2001), as variedades de fala criouliizadas do português eram evidenciadas no interior do país, até a metade do século XX, porque não existiam os meios de comunicação de massa; o acesso para outras regiões do país era difícil e ruim e sobretudo, o analfabetismo no Brasil era marca registrada com alto índice na população.

As mudanças no panorama Cultural e linguístico das camadas inferiores da população

brasileira ocorreram no deslocamento da população do campo para a cidade, sendo que nesta época, o Brasil já se caracterizava como um país urbano, onde havia profundas influências das grandes metrópoles sobre as demais regiões.

Segundo Lucchesi (2001), os principais responsáveis pela mudança cultural e linguística do país foram: a expansão da malha rodoviária, facilitando o acesso da população para outras regiões brasileiras, promovendo também aos indivíduos o contato com outras variedades do português brasileiro; o frenético desenvolvimento dos meios de comunicação de massa que, pelo fácil e amplo acesso, influenciavam as classes inferiores a seguir o padrão da elite social e pela massificação do ensino público, mesmo com a precariedade do sistema de educação pública.

Desta forma, compreende-se que as mudanças do português popular caminham em direção aos modelos da norma culta porque o amplo acesso e as influências da televisão, do rádio ou do contato direto viabilizado pelos meios de transporte e o precário sistema de ensino objetivam apagar as marcas ocorridas no contato entre línguas.

As mudanças intrínsecas ocorrem tanto no português popular como no português culto, enquanto que no português popular indica uma mudança “para cima”, não na perspectiva dos padrões normativos, mas no sentido ao padrão urbano culto (ou semi-culto); já no português culto indica uma mudança “para baixo” porque revela uma mudança que se distancia do padrão normativo de matriz europeu. Para Lucchesi (2001) existe uma influência tanto de “cima para baixo”, quanto de “baixo para cima” ocorrida na década de 40 com o êxodo rural que, favoreceu para o intenso contato das camadas médias e altas com as camadas com dialetos populares rurais.

Desta forma, as mudanças “para baixo” evidenciadas no português culto se trata na verdade de uma influência da estrutura de matiz popular levada pelos imigrantes europeus (italianos e japoneses) que ascenderam culturalmente e socialmente, mas que antes tiveram os primeiros contatos e aquisição do português com ex-escravos africanos e seus descendentes nativos e/ou mestiços que possivelmente, era o português popular com profundas alterações decorrentes do processo de transmissão linguística irregular.

Portanto, de acordo com Lucchesi (2001) existem ocorrências de mudanças de caráter crioulezante na formação do português popular, considerando a realidade linguística brasileira como bipolarizada, onde se evidencia tendências de mudanças específicas na norma culta e na norma popular.

#### 4.1 O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO

Segundo Lucchesi (2001), o português afro-brasileiro se caracterizou no período colonial através da heterogeneidade ocorrida pelo contato entre línguas (a portuguesa e a língua africana), que originou em variedades do português faladas por comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e constituídas por uma gama de mestiços e brancos.

O conhecimento dos escravos africanos em português era bastante variável, sendo que havia escravos que interagiam bem com a língua portuguesa, chamados de “ladinos”, enquanto que outros escravos eram inaptos de interagirem em português.

Contudo, Lucchesi (2000) ressalta os fatores influenciadores para os processos de criouliização do português, que foram: as grandes fazendas que empregavam absurdamente a mão-de-obra escrava e os agrupamentos de escravos foragidos, conhecidos por quilombos. Lucchesi (1998a e 2001), ainda ressalta que os falares criouliizados permaneceram em territórios isolados do país até o início do século XX, quando as rápidas evoluções sócio-econômicas e demográficas acontecidas no país modificaram o modo de vida desses grupos, expulsando de suas terras, quebrando o vínculo do grupo e apagando a *fortiori*, ou seja, suas variedades linguística.

Existe uma polêmica sobre a contribuição dos africanos e seus descendentes na formação da realidade linguística brasileira, onde está em cheque o quanto o processo histórico afetou a estrutura gramatical da língua portuguesa no Brasil. Os pesquisadores (Raimundo, 1933; e Mendonça, 1933 *apud* Lucchesi, 2000, p. 98) revelam que é possível enxergar no nível lexical os vestígios linguísticos da integração do imenso contingente de escravos africanos na sociedade brasileira.

Os filólogos e os linguistas (Gladstone Chaves (1946) e Serafim da Silva Neto (1951 e 1957) *apud* Lucchesi, 2000, p. 98) apesar de indicarem a ocorrência dos processos de criouliização do português na formação linguística do Brasil, restringiram alguns processos por motivos da unidade e conservadorismo do português brasileiro. Esse ponto de vista é defendido também por (Mattoso Câmara Jr., 1972 *apud* Lucchesi, 2000, p. 98) que por ser estruturalista, procurava esclarecer a mudança histórica da língua pela lógica interna do sistema linguístico.

O linguista norte-americano (Gregory Guy, 1981 *apud* Lucchesi, 2000, p. 98) apresenta uma hipótese de que o português popular do Brasil foi formado no século XVI e XVII com o crioulo de base portuguesa. Essa idéia é também defendida por John Holm (1992), porém, refutada por Fernando Tarallo (1993b), que afirmava um distanciamento do

português do Brasil com o português europeu, não aceitando a hipótese de descrioulização.

A hipótese de (Silva Neto e Câmara Jr (op. cit) *apud* Lucchesi, 2000, p. 99) é contestada por Naro & Scherre (1993) que afirmavam não existir registros históricos de crioulos portugueses no Brasil, mas que as mudanças no português brasileiro se tratavam na verdade, de mudanças de outras línguas (línguas autóctones e africanas) que não faziam parte de Portugal, porém, o contato entre essas línguas só adiantou ainda mais o processo de mudança.

Enquanto que Baxter (1992), Baxter & Lucchesi (1997) e Lucchesi (1998a, 1999 e 2001, p. 197) afirmam o papel relevante do contato entre línguas (o português e as línguas africanas) para a formação do português brasileiro, através de pesquisas em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e apurando o conceito teórico de transmissão linguística irregular para esclarecer o processo de criouliização leve ou semi-criouliização ocorrido no português do Brasil, em decorrência de um aprendizado precário dos africanos, ocasionando a alteração drástica da estrutura da língua portuguesa que foi passado para seus descendentes como língua materna.

Já que (Naro & Scherre, 2000 *apud* Lucchesi, 2001) permanecem com ideia de que há um predomínio dos fatores estruturais e buscam pistas de que as mudanças já existiam na língua trazida de Portugal, através de pesquisas de textos do português arcaico e de monografias dialetais portuguesas.

A história sobre o período da escravidão revela que os colonizadores europeus condenaram as comunidades de fala quilombolas ao isolamento e ao ostracismo, conforme apresenta LUCCHESI:

As vicissitudes históricas de sua formação condenaram essas comunidades de fala ao isolamento e ao ostracismo, de modo que, em alguns casos, conservaram-se, nos padrões de fala dessas comunidades, as marcas mais profundas do processo de aquisição precária do português como segunda língua pelos escravos africanos e da nativização desse modelo defectivo entre os escravos crioulos e seus descendentes (cf. Baxter, 1992; Baxter & Lucchesi, 1997; e Lucchesi, 1999, p. 197).

Compreende-se que, esse fator apresentado por Lucchesi contribuiu para que as marcas ocasionadas através do contato entre línguas permanecessem vivas nessas comunidades isoladas, garantindo o processo de criouliização do português.

Segundo (Ferreira, 1984 *apud* LUCCHESI 2004, p. 197) relata que analisou uma comunidade rural situada no extremo sul do Estado da Bahia, chamada de Helvécia, cujos



falantes mais idosos falavam uma variedade crioulezada do português. Assim, essa pesquisadora constatou que há indícios de uma variedade linguística crioulezada do português que está viva em falantes idosos que passaram por um processo de transmissão linguística irregular como sinaliza Lucchesi (2001).

Conforme Lucchesi (2001), as variedades de fala crioulezadas do português eram evidenciadas no interior do país, até a metade do século XX, porque não existiam os meios de comunicação de massa; o acesso para outras regiões do país eram difíceis e ruins e sobretudo, o analfabetismo no Brasil era marca registrada com alto índice na população.

Segundo Silva (2004), o modo de formação humana e social dos quilombos foi pertinente para a história linguística do Brasil. Eles viviam isolados, porém, tiveram um papel fundamental na criação de uma sociedade não só econômica, mas linguisticamente com alianças com outros negros, índios e brancos pobres formando grupos estruturados que participaram efetivamente nos movimentos políticos.

A aliança com vários agentes contrários ao sistema da escravidão proporcionou uma gama de diversidade linguística do português brasileiro influenciado pelas correntes africanas, indígenas, português africanizado, português indígena até o português europeu configurando em uma formação do português geral brasileiro com especificidade heterogêneas e distinta do português lusitano.

Nos estudos sobre a “Arqueologia de Palmares” e “Palmares como poderia ter sido” dos respectivos autores (Pedro Paulo Funari e Richard Price, p.26-51; p. 52-59 apud Silva, 2004, p. 88) indicam que o quilombo se apresentava como uma comunidade de origem diversificada entre africanos de tribos distintas, índios e europeus que utilizavam uma língua comum de característica de um português com elementos africanos.

Para Lucchesi (2001), as línguas secretas da comunidade de Cafundó, em São Paulo, ou de Tabatinga, em Minas Gerais, recentemente descobertas, são grandes exemplos de variedades crioulezadas do português ou remanescentes de línguas gerais africanas que foram aportuguesadas. – cf. Fry, Vogt & Gnerre (1981) e Vogt & Fry (1982, 1983 e 1985) e Queiroz (1984) apud Lucchesi, 2001, p. 108).

As grandes empresas capitalistas foram responsáveis também pelo processo de mudanças descrioulizantes nessas comunidades rurais, pois exploravam as forças de trabalho dos membros da comunidade quilombola, expulsando-as de suas terras, modificando o seu modo de vida e desarticulando a sua cultura. Conforme Lucchesi (2001), a fala dessa comunidade conhecida como *a fortiori*, desapareceria por causa desse processo violento do

capitalismo, perdendo as características crioulizantes e até mesmo sendo eliminada na medida em que a comunidade que usava se desintegrava.

Segundo Lucchesi (2001), ainda existem nas comunidades rurais afro-brasileiras formadas de antigos quilombos ou de agrupamento de ex-escravos, traços linguísticos na fala dos componentes mais velhos que são provenientes das mudanças referentes de um processo passado de transmissão linguística irregular. Porém, na fala dos mais jovens, praticamente não mais ocorrem esses traços linguísticos, porque os jovens têm mais acesso aos meios de comunicação de massa e sobretudo, tiveram pelo menos nos primeiros anos acesso ao ensino público.

## 5 METODOLOGIA

Este trabalho propõe-se a analisar a variação do rótico em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre. Conforme salientado, a pesquisa buscou investigar os fatores condicionadores sociolinguísticos que favorecem a variação do rótico em falantes de Alto Alegre.

Os dados que serviram de base para esta pesquisa foram coletados na comunidade quilombola de Alto Alegre, pertencente ao município de Presidente Tancredo Neves (a 263 km de Salvador), mediante o desenvolvimento do projeto de pesquisa *A coda silábica no português da comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba: análise sociolinguística*. Para a escolha dos informantes na comunidade levou-se em conta os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista. A proposta deste projeto era estudar as 50 primeiras ocorrências de <S> nas 12 entrevistas coletadas pelo grupo, que somou um total de 600 ocorrências. Essas entrevistas foram coletadas por três participantes do projeto. Do total das 12 entrevistas constituídas pelo Projeto, essas entrevistas foram realizadas com 6 homens e 6 mulheres, distribuídos em três faixas etárias (faixa 1: 20 a 40 anos; faixa 2: 41 a 60 anos; na faixa 3: acima de 60 anos). A proposta do projeto era estudar as primeiras 600 ocorrências de <S>.

O meu interesse em estudar o fenômeno de variação do rótico influenciou para que convidasse o prof. Drº Gredson dos Santos para ser meu orientador. O mesmo me orientou a estudar esse fenômeno na comunidade quilombola de Alto Alegre, analisando o *corpus* já coletado e seguindo a mesma proposta metodológica do projeto, porém com o foco para o fenômeno da variação do rótico.

Portanto, os doze falantes que participaram das entrevistas foram estratificados quanto ao sexo (feminino/masculino) e idade (faixa 1: 20 a 40 anos; faixa 2: 41 a 60 anos; na faixa 3: acima de 60 anos).

### 5.1 A COMUNIDADE DE FALA EM ESTUDO: ALTO ALEGRE

Com o intuito de estabelecer uma convergência da variação da síncope do rótico /R/ com o aspecto social da comunidade de Alto Alegre, imprescindível se faz expor, no mínimo de modo geral, a comunidade de fala que concedeu os dados estudados neste trabalho.

Conforme Santos e Almeida (2017), a comunidade de Alto Alegre está fixada em terras bem elevadas e de acesso difícil, na zona rural de Presidente Tancredo Neves (PTN), no baixo Sul da Bahia. A localidade fica posto no Território de personalidade do Baixo Sul.

Ainda conforme Santos e Almeida (2017), o município era um distrito de Valença-Ba, usufruindo de uma emancipação em 24/02/1989. Dessa maneira, é nessa conjuntura geográfica de interferência de Valença e da Costa do Dendê que se podem constatar as origens culturais e históricas mais intrínsecas da comunidade de Alto Alegre.

Segundo o IBGE (2017), o município de Alto Alegre era nomeado como Tabuleiro de Liberina em 1940. A comunidade principiou com uma barraca de palha que estava nos limites da estrada que ligava as particularidades rurais à cidade de Valença, Nazaré e Aratuípe. Este primeiro ponto mercantil, pertencente a uma senhora de nome Liberina, onde ali comercializava alimentos e bebidas aos tropeiros que transportavam cargas em lombo de animais para as localidades acima citadas. Em seguida, o senhor conhecido por José Pereira, dono da fazenda Paraíso, passou a residir no lugarejo dando-lhe nome de Itabaína.

Segundo Santos e Almeida (2017), Alto Alegre faz parte de um conjunto de oito comunidades quilombolas localizadas nas regiões rurais de PTN e de outras localidades vizinhas, sendo certificada pela Fundação Palmares como sendo uma comunidade remanescente de quilombo. Consoante ao Plano de Território de Desenvolvimento Sustentável do Território do Baixo Sul da Bahia, o município tem cerca de 102 famílias que constituem uma população de 378 habitantes. Os primeiros residentes do município, filhos de ex-escravos anexos às fazendas de Valença, regressaram no início do século XX, via Estrada Velha, como subordinados de um fazendeiro italiano chamado Carlos Monza, conforme consta das narrativas dos informantes mais velhos. Na contemporaneidade, a comunidade vive da produção do cravo e de outros remanescentes da produção agrícola que são comercializados às quartas-feiras e aos sábados na feira livre na sede da localidade. O principal desempenho econômico dos moradores de Alto Alegre e das comunidades vizinhas é a produção de cravo, que impulsiona todos os membros do município.

Distingue-se que nesse específico caso, os jovens são responsáveis por um número significativo de integração na sede da comunidade, o que foi comprovado no fato de ser um jovem de 25 anos o presidente da associação que retrata os moradores de Alto Alegre. Fundamentado nessas informações, as tabelas a seguir podem ser analisadas.

As entrevistas gravadas na comunidade foram realizadas por integrantes do Grupo de Estudo do Português Popular da Bahia, no âmbito da pesquisa iniciação científica A Síncopa do Rótico nos Falantes de Alto Alegre: análise sociolinguística (CNPQ/UFRB).

### 5.1.1 O CORPUS

O *corpus* em estudo foi constituído de 12 entrevistas. Os falantes que participaram das entrevistas foram estratificados quanto ao sexo (feminino/masculino) e idade (faixa 1: 20 a 40 anos; faixa 2: 41 a 60 anos; na faixa 3: acima de 60 anos), ou seja: 2 homens da faixa etária I; 2 homens da faixa etária II; 2 homens da faixa etária III; 2 mulheres da faixa etária I; 2 mulheres da faixa etária II; 2 mulheres da faixa etária III, como já foi citado anteriormente. É importante destacar também que todos os falantes que concederam as entrevistas não possuem escolaridade.

Foram selecionadas as 50 primeiras ocorrências da variável <R> em cada uma das 12 entrevistas somando o total de 600 ocorrências, considerando algumas condições: a) foram excluídos os casos em que <R> em final de vocábulo seguido de vogal uma vez que nesse contexto geralmente acontece uma ressilabação, que é um fenômeno em que uma consoante deixa de ocupar a posição de coda e passa a ocupar a posição de ataque silábico; b) foram excluídos os trechos que ficaram pouco claros na entrevista.

### 5.2 O TRATAMENTO DA VARIÁVEL: FATORES DE ANÁLISE

As realizações de <R>, neste trabalho, foram analisadas com o ajuda de uma ferramenta para a análise sociolinguística, o GOLDVARB X, que “é conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente, para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007). A análise é chamada multivariada, pois permite pesquisar situações em que a variável linguística é influenciada por vários fatores, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos<sup>1</sup>. Segundo Guy e Zilles (2007), o programa avalia os efeitos, bem como a relevância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente.

Para que os dados fossem submetidos à análise do GOLDVARB X, os dados foram separados em três arquivos: 1) <R> em interior de vocábulo (como acontece em palavras como: *Carlos, sertão, Arlinda*); 2) <R> em posição final de vocábulo seguido de pausa, contexto chamado aqui de final absoluto (tais como em *Salvador, vou estudar.*) e 3) <R> em posição final de vocábulo seguido de consoante que inicia a palavra posterior (*Trabalhar de mais. Criar burro.*).

A variável dependente estudada neste trabalho, indicada por <R>, inclui as seguintes variantes: 0) apagamento ([Ø]), como por exemplo, acontece na palavra *estuda Ø*; 1) velar

([x/γ]), como acontece na palavra *sextão*; iymãos 3) glotal ([h, fi]), como por exemplo, acontece na palavra *me ifmã*; 4) aspirada ([s/z]), como acontece na palavra, *divestir*.

Os grupos de fatores selecionados para este trabalho foram definidos os seguintes grupos: tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, característica da vogal precedente, característica da consoante seguinte, sonoridade da consoante seguinte, classe morfológica, sexo dos informantes e faixa etária.

Segundo as pesquisas de (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 471; HORA, 2006, p. 39; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008, p. 62; OLIVEIRA, 1983, HORA, 2009, p. 39 apud BOTASSINI, 2011, P.1065) salientam que o fator linguístico *posição do vocábulo* é o fator que mais favorece a variação do rótico, porque apresenta comportamentos distintos em relação à manutenção do <R> ou o zero fonético, ou seja, a posição interna favorece a manutenção do rótico, já a posição externa favorece o apagamento da consoante.

Uma das hipóteses nesta pesquisa se baseia nas concepções de (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 471; HORA, 2006, p. 39; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008, p. 62; OLIVEIRA, 1983, HORA, 2009, p. 39 apud BOTASSINI, 2011, P.1065) destacam que a posição do vocábulo é um fator favorecedor para a variação do rótico, seja pela manutenção do rótico, ou seja, pelo apagamento da consoante.

Os resultados que serão apresentados no próximo capítulo dizem respeito aos seguintes grupos de fatores das variáveis linguísticas independentes: 1) **tonicidade da sílaba** em que ocorre a variável: sílaba tônica e sílaba átona; 2) a **extensão do vocábulo**: monossílabo, dissílabo e polissílabo; 3) **Características da vogal** precedente: anterior alta /i/, anterior média-fechada /e/, anterior média-aberta /ɛ/, central baixa /a/, posterior alta /u/, posterior média fechada /o/, posterior média aberta /ɔ/, semivogal posterior /w/ e semivogal anterior /y/; 4) **características da consoante** seguinte: oclusivas labiais (/p/, /b/), oclusivas alveolares (/t/, /d/), oclusivas velares (/k/, /g/), fricativas labiais (/f/, /v/), africadas (/tʃ dʒ/), nasal labial (/m/), nasal alveolar (/n/), laterais (/l/, /ʎ/); 5) **sonoridade da consoante** seguinte: vozeada e desvozeada; 6) **classe morfológica** do vocábulo: nominais (substantivos e adjetivos), advérbios, pronome, numeral, conjunção e o verbo. As variáveis extralinguísticas foram: 1) **faixa etária dos informantes**: faixa 1, faixa 2 e faixa 3 (/I/, /II/, /III/); 2) **sexo dos informantes**: masculino e feminino.

## 6 ANÁLISE DE DADOS

Os dados encontrados nesta pesquisa se referem à utilização do rótico em coda silábica de 600 ocorrências distribuídas entre quatro variantes: o apagamento em coda interna e coda externa, a fricativa velar, a aspiração e a fricativa glotal. A tabela 1, a seguir, mostra essa distribuição depois do processo de codificação dos dados no GOLDVARB X.

**TABELA 01: Distribuição das variantes <R> no corpus**

Distribuição das variantes <R> no *corpus*

<b>Variante</b>	<b>Nº/ Total</b>	<b>%</b>
Ø	<b>382</b>	<b>63,7</b>
x/y	<b>197</b>	<b>32,8</b>
s/z	19	3,2
h/f	2	0,3
<b>Total</b>	<b>600</b>	<b>100</b>

Como é possível observar na tabela acima, o apagamento do <R> foi a forma mais usada pela comunidade quilombola de Alto Alegre, correspondendo 63,7% dos dados gerais do apagamento de <R> em coda interna e externa. Porém, o apagamento em final absoluto de vocábulo, ou seja, em coda externa, correspondeu 98,1% do total das ocorrências; já em final de vocábulo seguido de palavra, ou seja, em coda externa, o apagamento correspondeu a 94,1%. Porém, em interior de vocábulo, ou seja, em coda interna, o apagamento apresentou 25,4% do total das ocorrências. Vale destacar que, as taxas de apagamento são bastante elevadas em coda externa, ou seja, são taxas bem maiores do que vem sendo encontradas no português do Brasil, isto por se tratar de uma comunidade quilombola que passou pelo processo de transmissão linguística irregular e que possivelmente, influenciou para que o apagamento da coda <R> apresentasse taxas superiores a outros trabalhos em comunidades que não têm um histórico quilombola, confirmando a nossa hipótese. Segundo Callou, Moraes e Leite (1998), a supressão do /R/ em posição de coda, em final de palavras é uma ocorrência histórica no português do Brasil, sendo classificado como uma das especificidades de falares incultos e conhecido, particularmente, como um linguajar de escravos no século XVI. Para Callou, Moraes e Leite (1998), este fenômeno desenvolveu-se gradativamente, se popularizando hoje na fala de vários estratos sociais.

A segunda variante mais utilizada pela comunidade foi à fricativa velar (32,8%). Segundo Monaretto (2002), a região Sul, por exemplo, no período de 1980 e 1990 apresenta uma diminuição do uso da vibrante alveolar e um aumento da fricativa velar. Callou e Brandrão (2015) estabelecem linhas demarcadoras de fenômenos linguísticos, e se tratando da realização do rótico, em coda silábica interna, como fricativa posterior, diferencia uma região mais ao sul – São Paulo e Porto Alegre (SP e POA) – a uma região mais ao norte, compreendendo Rio de Janeiro (RJ), Salvador (SSA) e Recife (RE). Compreende-se que a realização do rótico, em ambiente interno, nas regiões de São Paulo e Porto Alegre predominam a vibrante alveolar, enquanto que nas cidades de Rio de Janeiro, Salvador e Recife a variante preferida é a fricativa velar.

Para Antunes e Lourdes (2016), na realização da fricativa velar ocorre uma fricção mais audível que seus correlatos glotais, mas a peculiaridade articulatória de aproximação dos articuladores, deixando uma diminuta passagem para o ar, como acontece na realização do som fricativo glotal.

A terceira variante aspirada (substituição da consoante “R” pela consoante “S”) apresentou um percentual de 3,2% (ex.: a[h]tesanato, a[j]tesanato). Compreende-se que a variante não apresentou uma porcentagem relevante para podermos considerar como uma variante predominante na comunidade.

A fricativa glotal ocorreu apenas em 2 vezes no *corpus*, totalizando 0,3%, do total de ocorrências. Esse resultado indica que essa variante não é característica do dialeto falado pela comunidade. Botassini (2011) indica que a variante glotal é pouco usado em Porto Alegre, tendo pouca relevância para o estudo sobre a variação no uso dos róticos na cidade analisada. Porém, as autoras Antunes e Lourdes (2016) revelam que na cidade de Patos em Minas Gerais é predominante a ocorrências da fricativa do /R/ em coda. Callou; Leite; Moraes (2002), pesquisando dados da década de 1990, averiguaram ser a fricativa glotal e não a fricativa velar a variante que prevalece hoje em muitos dialetos, em todos os contextos.

A realização do som “fricativo glotal, apontado por (Silva, 2001 apud Antunes e Lourdes, 2016, p. 210), como pronúncia típica de Belo Horizonte, no entanto, é definido como um som em que não ocorre fricção audível no trato vocal, pois a fricção desse som é bastante leve, por ser ele articulado pelas pregas vocais (glote)”.

Observa-se que as variantes predominantes da comunidade são o apagamento e a fricativa velar. Os resultados do trabalho Linares, Peixoto e Moreira (2008) são parecidos ao encontrado em Alto Alegre, sendo que o apagamento representou 75% e a velar 14%, vale



ressaltar que, foi considerado apenas o <R> em final de palavra. Segundo (Callou, 1987 apud Linares, Peixoto e Moreira, 2008, p. 02), a fricativa velar é usada preferivelmente em interior de vocábulo e o apagamento ocorre, sobretudo, em coda final.

## 6.1 A REALIZAÇÃO DA FRICATIVA VELAR NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE

O programa GoldVarb X selecionou, por ordem de importância, a *posição do vocábulo, a vogal anterior, a consoante seguinte, a sonoridade da consoante seguinte e a classe morfológica do vocábulo*, como favorecedores a realização velar.

A tabela 02, a seguir, mostra a posição do vocábulo em que ocorrem as variantes no corpus.

**TABELA 02: Posição do vocábulo.**

Posição em que ocorrem as variantes no *corpus*

Posição do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Interior de vocábulo</b>	<b>183/272</b>	<b>67.3</b>	<b>0.97</b>
Final de vocábulo seguido de palavra	12/222	5.4	0.04
Final absoluto de vocábulo	2/106	1.9	0.04
Total	197/600	32.83	

*Log likelihood = -154.117 Significance = 0.007*

Observa-se na tabela acima que a variante velar é favorecida quando se encontra em interior de vocábulo, ou seja, em coda medial com peso relativo de 0,97, como por exemplo, em *ta[ɣ]de, tarde; po[x]co, porco; pe [x]to, perto*). Já em final de vocábulo seguido de consoante e em final absoluto de vocábulo, estas variantes são fortemente desfavorecidas, totalizando respectivamente 0,04. (Callou et al, 1996, p. 465 apud Botassini, 2011, p. 1063) revelaram que o grupo de fatores “posição interna/externa no vocábulo” foi escolhido como o mais relevante de todos. Conforme os autores citados, a posição interna favorece a realização da fricativa velar, enquanto que em coda final (final seguido de palavra e final absoluto) favorece o apagamento do /R/, como veremos mais adiante. Os resultados apresentados pelos autores são semelhantes aos resultados obtidos neste trabalho.

A tabela 03, a seguir, mostra a fricativa velar em interior de vocábulo quanto à

característica da vogal antecedente na comunidade de Alto Alegre.

**TABELA 03: A característica da vogal antecedente**

*A característica da vogal antecedente na comunidade de Alto Alegre*

Vogal antecedente	Apl. / Total	%	P.R
<b>Posterior média-alta</b>	<b>33/62</b>	<b>53.2</b>	<b>0.77</b>
<b>Anterior média-baixa</b>	<b>46/100</b>	<b>46.0</b>	<b>0.75</b>
<b>Posterior média-baixa</b>	<b>30/49</b>	<b>61.2</b>	<b>0.71</b>
Anterior média-alta	21/101	20.8	0.43
Posterior alta	12/41	29.3	0.43
Central baixa	40/186	21.5	0.40
Anterior alta	13/43	30.2	0.18
Semivogal anterior alta	2/18	11.1	0.03
Total	197/600	32.83	

*Log likelihood = -154.117 Significance = 0.007*

No que diz respeito à característica da vogal antecedente, a tabela 03 mostra que a vogal posterior média-alta, com P.R de 0,77 (ex.: *p[o]rco; t[o]rnei; p[o]rque*), as anteriores média-baixa, com P.R de 0,75 (ex.: *ac[ε]rtemo(acertamos); p[ε]rto; conv[ε]rsando*) e as posteriores média-baixas, com P.R de 0,71 (ex.: *m[ɔ]rte; n[ɔ]rma; f[ɔ]rte*) são as que tendem a favorecer a realização da fricativa velar. A vogal anterior média-alta, a posterior altas e a central baixa encontram-se em posição de neutralidade, com pesos relativos de 0,43. Já a vogal anterior alta e a semivogal anterior alta, são desfavorecedoras a realização da fricativa velar.

Na tabela a seguir, mostra a variante velar em interior de vocábulo quanto à consoante subsequente na comunidade de Alto Alegre.

**TABELA 04: A consoante subsequente**

A variante fricativa velar em interior de vocábulo quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Alto Alegre

Consoante posterior	Apl. / Total	%	P.R
<b>Oclusiva velar</b>	<b>54/125</b>	<b>43.2</b>	<b>0.85</b>
<b>Nasal labial</b>	<b>30/59</b>	<b>50.8</b>	<b>0.72</b>
<b>Lateral</b>	<b>4/11</b>	<b>36.4</b>	<b>0.69</b>
<b>Nasal alveolar</b>	<b>15/42</b>	<b>35.7</b>	<b>0.59</b>
<b>Oclusiva bilabial</b>	<b>1/32</b>	<b>3.1</b>	<b>0.58</b>

Africadas	35/70	50.0	0.33
Oclusiva alveolar	43/90	47.8	0.27
Fricativa alveolar	10/29	34.5	0.24
Fricativa labiodental	1/18	5.6	0.04
Fricativa alveopalatal	2/18	11.1	0.008
Total	195/494	39.47	

*Log likelihood = -154.117 Significance = 0.007*

Conforme mostra a *tabela 4*, as oclusivas velares, com P.R 0,85 (ex.: *ma[x]ca (marca)*, *po[x]que (porque)*, *ca[y]ga (carga)*); as nasais labiais, com P.R de 0,72 (ex.: *no[y]mal (normal)*; *i[y]mão (irmão)*), as laterais, com P.R de 0,69 (ex.: *Ca[y]los (Carlos)*, *A[y]linda (Arlinda)*), as nasais alveolares, com P.R de 0,59 (ex.: *Pe[y]nas (pernas)*, *ca[y]ne (carne)*) e as oclusivas bilabiais, com P.R de 0,58 (ex.: *joga[y]bola*; *professo[y] passou*; *professo[y] procurando*) são as que favorecem a realização da fricativa velar. Porém as africadas, as oclusivas alveolares, as fricativas alveolares, as labiodentais, e as fricativas alveopalatais desfavorecem a realização velar.

Na *tabela 05*, a seguir, mostra a variante velar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à sonoridade da consoante seguinte na comunidade.

#### **TABELA 05: Sonoridade da consoante seguinte**

A variante fricativa velar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Alto Alegre

Sonoridade da consoante seguinte	Apl. / Total	%	P.R
<b>Vozeada</b>	<b>84/219</b>	<b>38.4</b>	<b>0.71</b>
Desvozeada	111/275	40.4	0.32
Total	195/494	39.47	

*Log likelihood = -154.117 Significance = 0.007*

A *tabela 5* mostra que são consoantes vozeadas, com peso relativo de 0,71, que favorecem a realização da fricativa velar, enquanto as consoantes desvozeadas desfavorecem essa realização.

Na *tabela a seguir*, mostra a influência da classe morfológica do vocábulo para a realização da fricativa velar.

#### **TABELA 06: A classe morfológica do vocábulo**

A influência da *classe morfológica do vocábulo* para a realização da fricativa velar

Classe morfológica do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Advérbio</b>	<b>21/22</b>	<b>95.5</b>	<b>0.91</b>
<b>Verbo</b>	<b>61/318</b>	<b>19.2</b>	<b>0.76</b>
Adjetivo	30/45	66.7	0.47
Substantivo	66/161	41.0	0.21
Conjunção	17/52	32.7	0.01
Total	195/598	32.60	

*Log likelihood = -154.117 Significance = 0.007*

Os dados acima mostram que são os advérbios, com peso relativo de 0,91, (ex.: *pe[x]to* (*perto*); *no[γ]mal* (*normal*) e os verbos, com P.R de 0,76 (ex.: *pa[x]ticipa* (*participa*); *o[γ]ganiza* (*organiza*); *te[γ]minava* (*terminava*), que mais favoreceram a realização da fricativa velar. Os adjetivos encontram-se próximo ao ponto neutro, com P.R de 0,47 e os substantivos e as conjunções desfavorecem esta realização.

Os resultados obtidos neste trabalho são diferentes ao que outras pesquisas têm mostrado (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 471; HORA, 2006, p. 39; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008, p. 62; OLIVEIRA, 1983, HORA, 2009, p. 39 apud BOTASSINI, 2011, p. 1065). Esses trabalhos apontam que o rótico tende a ser mantido em substantivos em posição interna (ex.: *se[x]tão* (*sertão*), *A[γ]linda* (*Arlinda*), *i[γ]mãos* (*irmãos*)); já em posição externa, sobretudo em se tratando de verbos, ambiente é bastante propício ao zero fonético. Porém, diferentemente dos dados indicados pelos autores acima, os resultados desta pesquisa revelam que a manutenção da variante velar é mais favorecida nos advérbios (ex.: *pe[x]to* (*perto*); *no[γ]mal* (*normal*) e em verbos em posição interna (ex.: *pa[x]ticipo* (*participo*); *pa[x]tiu* (*partiu*)); já em posição externa, as classes gramaticais dos não-verbos ( conjunções, substantivos e adjetivos) como por exemplo: *mió[Ø]* que (*melhor que*); *procurado[Ø]* chega (*procurador chega*), que mais favoreceram para o apagamento.

Desta forma, constata-se a maior relevância do fator *posição interna do vocábulo*, como principal favorecedor para a realização da fricativa velar. Entende-se que, a posição interna do vocábulo condiciona a manutenção do rótico não só na classe morfológica, o *substantivo*, mas nos advérbios e nos verbos, conforme indica os dados desta pesquisa.

## 6.2 O APAGAMENTO DO RÓTICO <R> NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE

O apagamento nesse *corpus* correspondeu 63,7% dos dados gerais, ou seja, a coda

medial e a coda externa do total de ocorrências. Porém, quando analisamos o apagamento na posição final absoluto de vocábulo (coda externa), a taxa de apagamento do <R> é bastante elevada com o percentual de 98,1% do total das ocorrências, ou seja, é um fenômeno quase categórico na comunidade. O apagamento na posição final de vocábulo seguido de palavra, (coda externa) apresentou um percentual de 94,1% do total das ocorrências, ou seja, um percentual superior as taxas que vem sendo encontradas no português do Brasil. Vale ressaltar que, se trata de uma comunidade de histórico quilombola que passou pelo processo de contato entre línguas e que possivelmente adquiriu a língua portuguesa de forma precária e sem normatização escolar e que esse processo deve ter influenciado em taxas de apagamento bastante elevada da coda /R/. Embora muitos trabalhos, como por exemplo, os de Botassini e Callou, Moraes e Leite, venham mostrando que o /R/ está sendo apagado frequentemente, sobretudo nos verbos e em final de palavras, os resultados obtidos em Alto Alegre são bastante expressivos se comparados a outros trabalhos. Linares et al (2008), por exemplo, analisou o <R> apenas em contextos final. O apagamento em seu trabalho representou 74,5% do total de ocorrências.

Callou, Moraes e Leite (1996, P. 471 apud BOTASSINI, 2011, P. 1065) encontraram taxa em contexto medial, na cidade de Porto Alegre, de 4% de queda do /r/ e, em contexto final, 37%.

Para o apagamento, o programa GoldVarb X selecionou, por ordem de importância, os fatores linguísticos: a *posição do vocábulo*, a *vogal anterior*, a *consoante seguinte*, a *classe morfológica do vocábulo* e o fator extralinguístico: *faixa etária*, como fatores favorecedores para esta realização. Na próxima tabela, podemos observar a posição do vocábulo em que ocorrem as variantes no corpus.

**TABELA 07: A posição do vocábulo**

Posição em que ocorrem as variantes no *corpus*

Posição do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Final absoluto de vocábulo</b>	<b>104/106</b>	<b>98.1</b>	<b>0.97</b>
<b>Final de vocábulo seguido de palavra</b>	<b>209/222</b>	<b>94.1</b>	<b>0.94</b>
Interior de vocábulo	69/272	25.4	0.02
Total	382/600	63.66	

*Log likelihood = -213.468 Significance = 0.000*

Conforme a *tabela 07* mostra que, o apagamento do <R> na comunidade quilombola

de Alto Alegre é favorecido quando encontra-se em final absoluto de vocábulo, com peso relativo de 0,97 (ex.: *fazêØ* (fazer), *compráØ*, (comprar), *motôØ* (motor)) e em final de vocábulo seguido de palavra, com peso relativo de 0,94 (ex.: *trabalháØ né*, *milhóØ né*, *quéØ fazê*). Já em interior de vocábulo, com peso relativo de (0,02), desfavorece essa realização. Esse resultado é semelhante aos trabalhos de (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 471; HORA, 2006, p. 39; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008, p. 62; OLIVEIRA, 1983, apud HORA, 2009, p. 39) apontaram que o apagamento é desfavorecido em interior de vocábulo com peso relativo de 3% e favorecido quando este se encontra em coda externa. “Em relação à queda do /R/, observam-se comportamentos nitidamente distintos nas duas posições. Em sílaba interna, o fenômeno quase não ocorre, obteve apenas 3% das ocorrências. No contexto final, o percentual de perda aumenta significativamente” (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 471).

A realização do rótico em posição externa de vocábulo é um contexto propício ao zero fonético, ou seja, ao apagamento da consoante. A pesquisa de Linares et al (2008) sobre o dialeto carioca, afirma que se trata de uma variável predominante em todos os dialetos brasileiro, em especial em coda silábica externa com 74,5% das ocorrências.

Sendo assim, o contexto interno/externo possui tendências opostas em relação ao apagamento do rótico, a posição interna do vocábulo desfavorece a supressão, enquanto que a posição externa favorece a supressão.

A tabela 08, a seguir, mostra o apagamento do <R> em interior de vocábulo quanto à característica da vogal antecedente na comunidade de Alto Alegre.

#### **TABELA 08: A característica da vogal antecedente**

O apagamento do rótico em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Alto Alegre

Vogal antecedente	Apl. / Total	%	P.R
<b>Semivogal anterior alta</b>	<b>16/18</b>	<b>88.9</b>	<b>0.97</b>
<b>Anterior alta</b>	<b>27/43</b>	<b>62.8</b>	<b>0.61</b>
<b>Central baixa</b>	<b>141/186</b>	<b>75.8</b>	<b>0.60</b>
Posterior alta	29/41	70.7	0.51
Anterior média-alta	75/101	74.3	0.48
Posterior média-baixa	15/49	30.6	0.43
Anterior média-baixa	54/100	54.0	0.41
Posterior média-alta	25/62	40.3	0.13

Total	382/600	63.66
<i>Log likelihood = -213.468 Significance = 0.000</i>		

Como mostra a tabela acima, é a *semivogal anterior alta*, com peso relativo de 0,97 (ex.: sa[y]ø lá (*sair lá*); ca[y]ø (*cair*); sa[y]ø de (*sair de*)) e as vogais anteriores altas, com P.R de 0,61 (ex.: reun[i]ø todo (*reunir todo*); fug[i]ø da (*fugir da*); conclu[i]ø lá (*concluir lá*)) e a *central baixa*, com peso relativo de 0,60 (ex.: lug[a]ø na ( *lugar na*); cumbin[a]ø (*combinar*); estud[a]ø já (*estudar já*)) favorecem a supressão do <R>, ou seja, o apagamento. Enquanto que, a *posterior alta*, a *anterior média-alta* estão próximas a posição neutra. Já a *posterior média-baixa*, a *posterior média-alta* e a *posterior média-alta* desfavorecem o zero fonético.

A tabela 09, a seguir, mostra o apagamento do <R> em interior de vocábulo quanto à consoante subsequente na comunidade de Alto Alegre.

#### **TABELA 09: A consoante subsequente**

O apagamento do rótico em interior de vocábulo quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Alto Alegre

Consoante posterior	Apl. / Total	%	P.R
<b>Fricativa alveopalatal</b>	<b>16/18</b>	<b>88.9</b>	<b>0.98</b>
<b>Fricativa labiodental</b>	<b>17/18</b>	<b>94.4</b>	<b>0.94</b>
<b>Fricativa alveolar</b>	<b>19/29</b>	<b>65.5</b>	<b>0.84</b>
<b>Oclusiva bilabial</b>	<b>31/32</b>	<b>96.9</b>	<b>0.64</b>
Africadas	28/70	40.0	0.53
Oclusiva alveolar	34/90	37.8	0.52
Oclusiva velar	71/125	56.8	0.31
Nasal alveolar	27/42	64.3	0.30
Nasal labial	28/59	47.5	0.23
Lateral	7/11	63.6	0.21
Total	278/494	56.27	
<i>Log likelihood = -213.468 Significance = 0.000</i>			

Conforme mostra a *tabela 09*, as *fricativas alveopalatais*, com P.R 0,98 (ex.: *estudaø [j]á* (*estudar já*); *tiveø [j]eito* (*estiver jeito*); *suø [j]iu* (*surgiu*)), as *fricativas labiodentais*, com P.R de 0,94 (ex.: *rese[ø]vado* (*reservado*); *levá[ø] farinha*; *si[ø]viço* (*serviço*)), as *fricativas alveolares*, com P.R de 0,84 (ex.: *vê[ø]sso* (*verso*); *qué[ø] sabe*, *lugá[ø] sossegado*) e as *oclusivas bilabiais*, com P.R de 0,64 (ex.: *tê[ø] pau*; *tomá[ø] banho*) favoreceram a supressão

do rótico. As africadas e as *oclusivas alveolares* ocupam uma posição neutra, com P.R de 0,53. Já as *oclusivas velares*, *as nasais alveolares*, *as nasais labiais* e *as laterais* desfavorecem o apagamento.

Na próxima tabela, a seguir, podemos observar a influência da classe morfológica do vocábulo para o apagamento do <R> na comunidade de Alto Alegre.

**TABELA 10: A influência da classe morfológica do vocábulo**

A influência da classe morfológica do vocábulo para o apagamento do rótico

Classe morfológica do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Conjunção</b>	<b>35/52</b>	<b>67.3</b>	<b>0.99</b>
<b>Substantivo</b>	<b>80/161</b>	<b>49.7</b>	<b>0.74</b>
<b>Adjetivo</b>	<b>14/45</b>	<b>31.1</b>	<b>0.59</b>
Verbo	252/318	79.2	0.22
Advérbio	1/22	4.5	0.15
Total	382/598	63.87	

*Log likelihood = -213.468 Significance = 0.000*

A tabela acima mostra que são as conjunções com peso relativo 0,99 (ex.: *pu[ϕ]que(porque)*; *po[ϕ]que (porque)*), os substantivos com peso relativo de 0,74 (ex.: *Salvadô[ϕ](Salvador)*; *mulé[ϕ](mulher)*; *si[ϕ]viço (serviço)*) e os adjetivos, com peso relativo de 0,59 (ex.: *melhó[ϕ] (melhor)*; *luga[ϕ]zinho (lugarzinho)*; *mió[ϕ](melhor)*) que favorecem a supressão do <R>. Embora muitos trabalhos tenham apontado os verbos como favorecedores ao apagamento e apesar de ter apresentado uma taxa bastante expressiva, neste trabalho – 79.2% das realizações de verbos foram apagadas. Trabalhos como os de (Callou; Moraes; Leite, 1996, p. 473; Hora, 2009, p. 39; apud Botassini, 2011, p. 1065) afirmam que, a supressão do **rótico** é mais comum nos verbos: em infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são categóricos assinalados em português tanto pela presença do rótico final quanto pelo acento tônico da sílaba que contém o segmento (*vender versus vendê*), Nos não-verbos, em que o rótico não carrega informação morfológica, o peso relativo é baixo.

No entanto Callou, Moraes, Leite (1998) indicaram uma frequência da supressão do R avançando em não-verbos e em verbos. Esse resultado obtido pelas autoras é semelhante ao encontrado neste trabalho.

Diante do exposto, os resultados apresentados nesta pesquisa indicam que os não-verbos estão alcançando o mesmo patamar dos verbos em relação ao favorecimento do



apagamento do rótico. Por se tratar de uma comunidade remanescente de quilombo, que, provavelmente, passou por um processo de contato entre as línguas (africanas e o português) e que, possivelmente, adquiriram a língua portuguesa como segunda língua de forma precária, essa aquisição precária pode ter refletido na aquisição do <R> em posição de coda.

A tabela 11, a seguir, mostra a influência do fator extra linguístico: faixa etária do informante para o favorecimento do apagamento do <R>.

**TABELA 11: A faixa etária do informante**

O apagamento em posição externa de vocábulo quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
<b>III</b>	<b>135/200</b>	<b>67.5</b>	<b>0.64</b>
<b>II</b>	<b>117/200</b>	<b>58.5</b>	<b>0.43</b>
<b>I</b>	<b>130/200</b>	<b>65.0</b>	<b>0.04</b>
Total	382/600	63,66	

*Log likelihood = -213.468 Significance = 0.000*

No que diz respeito à variável faixa etária, a tabela indica que os falantes da faixa etária III, com peso relativo de 0,64, favorecem o apagamento na comunidade de Alto Alegre. Já os falantes da faixa etária II e I desfavorecem essa realização. Esse resultado indica que há na comunidade de Alto Alegre um quadro de mudança em progresso, uma vez que os jovens estão indo em direção aos padrões que usufruem de maior prestígio.

### 6.3 A VARIANTE ASPIRADA NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE

Esta variante estudada refere-se à substituição <R> por <S> em posição de coda na comunidade quilombola de Alto Alegre. É importante destacar que esses dados ocorreram apenas em interior de vocábulo, diante de oclusivas alveolares e africadas e realizando-se como fricativa palatal, como em ho[ʃ]tra (horta), a[ʃ]tesanato (artesanato) e dive[ʃ]t[ʃ]i (diverti).

Para realização desta variante, o programa GoldVarb X selecionou, por ordem de importância, os fatores linguísticos: *a tonicidade da sílaba, a vogal antecedente e a consoante subsequente* e os fatores extralinguísticos: *sexo do informante e a faixa etária* como favorecedores da variante aspirada. A tabela 12, a seguir, mostra a influência da

tonicidade da sílaba para a ocorrência da variante aspirada em interior de vocábulo.

**TABELA 12: A tonicidade da sílaba**

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Alto Alegre

Tonicidade da Sílaba	Apl. / Total	%	P.R
<b>Átona</b>	<b>10/178</b>	<b>5,6</b>	<b>0.71</b>
Tônico	9/422	2,1	0.40
Total	19/600	3,16	

*Log likelihood = -35.660 Significance = 0.002*

Como mostra a tabela acima, a troca do <R> pelo <S> é favorecida quando este encontra-se em sílabas átonas, como em dive[ʃ]tindo (divertindo), dive[ʃ]timento (divertimento), divi[ʃ]tí (divertir), dive[ʃ]tido (divertido), a[ʃ]tesanato (artesanato). Já as sílabas tônicas não se mostraram favoráveis a esta realização.

A tabela 13, a seguir, mostra a variante aspirada em interior de vocábulo quanto à característica da vogal antecedente na comunidade de Alto Alegre.

**TABELA 13: A característica da vogal antecedente**

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Alto Alegre

Vogal antecedente	Apl. / Total	%	P.R
<b>Anterior alta</b>	<b>2/43</b>	<b>4.7</b>	<b>0.80</b>
<b>Posterior média-alta</b>	<b>4/62</b>	<b>6.5</b>	<b>0.75</b>
Anterior média-alta	5/101	5.0	0.46
Posterior média-baixa	3/49	6.1	0.40
Central baixa	5/186	2.7	0.37
Total	382/600	63.66	

*Log likelihood = -35.660 Significance = 0.002*

Como mostra a tabela acima, são as *vogais anteriores altas*, com peso relativo de 0,80 (ex.: divi[ʃ]tí (divertir), divi[ʃ]tindo (divertindo)), e as vogais posteriores média-altas, com P.R de 0,75 (ex.: [ɔ]ʃtra (horta)), que favorecem a variante aspirada. Enquanto que, a *anterior média-alta*, a *posterior média-baixa* e a *central baixa* desfavorecem a realização da variante.

A tabela 14, a seguir, mostra a variante aspirada em interior de vocábulo quanto à consoante subsequente na comunidade de Alto Alegre.

**TABELA 14: A consoante subsequente**

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Alto Alegre

Consoante posterior	Apl. / Total	%	P.R
<b>Oclusiva alveolar</b>	<b>7/49</b>	<b>13,3</b>	<b>0.57</b>
Africada	7/70	10,0	0.40
Total	14/119	11,76	

*Log likelihood = -35.660 Significance = 0.002*

Como mostra a tabela, a realização aspirada ocorreu apenas diante de oclusiva alveolares e africadas. Vale destacar ainda que, essas realizações ocorreram diante das consoantes africadas e oclusivas alveolares desvozeadas. Nota-se acima que é a consoante oclusiva alveolar, como em ho[ʃ]tra (horta), a[ʃ]tesanato (artesanato) com peso relativo de 0,57, que mais favorece essa realização. Já as africadas, com P.R 0,40, (divi[ʃ]t[ʃ]í (divertir)), desfavorecem a variante aspirada.

A tabela 15, a seguir, mostra a variante aspirada em interior de vocábulo quanto ao sexo do informante na comunidade de Alto Alegre.

**TABELA 15: O sexo do informante**

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Alto Alegre

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Feminino</b>	<b>15/300</b>	<b>5.0</b>	<b>0.71</b>
Masculino	4/300	1.3	0.28
Total	19/600	3,7	

*Log likelihood = -35.660 Significance = 0.002*

Como é possível notar, na tabela acima, que são as mulheres que favorecem a realização da variante aspirada, com peso relativo de 0,71. Enquanto os homens desfavorecem fortemente essa realização.

A tabela 16, a seguir, mostra a variante aspirada em interior de vocábulo quanto à faixa etária do informante na comunidade de Alto Alegre.

**TABELA 16: A faixa etária do informante**

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *faixa etária* do informante na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
<b>I</b>	<b>13/200</b>	<b>6.5</b>	<b>0.64</b>
II	6/200	3.0	0.35
Total	19/600	3,17	

*Log likelihood = -37.403 Significance = 0.000*

No que diz respeito à variável faixa etária, a tabela indica que os falantes da faixa etária I, com peso relativo de 0,64 favorecem a forma aspirada na comunidade de Alto Alegre. Já os falantes da faixa etária II desfavorecem essa realização (P.R 0,35). Vale ressaltar, ainda, que essa variante, como mostra a tabela, não foi utilizada pelas pessoas da faixa etária III. Esse resultado pode indicar que essa variante é nova na comunidade, uma vez que são as pessoas das faixas etárias mais novas que mais favorecem esta realização.

#### 6.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A REALIZAÇÃO DE <R> NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE

No decorrer deste trabalho foi possível observar que as variantes que predominaram na comunidade foram o apagamento com (63,7%) dos dados gerais, ou seja, em coda medial e em coda externa. Na realização da análise em posição final absoluto de vocábulo (coda final), a taxa de apagamento aumentou para 98,1% do total das ocorrências, considerada bastante superior do que as taxas que vem sendo encontradas no português do Brasil, ou seja, um fenômeno categórico na comunidade. Vale ressaltar que, se trata de uma comunidade de histórico quilombola que passou pelo processo de contato entre línguas e que possivelmente adquiriu a língua portuguesa de forma precária e sem normatização escolar e que esse processo deve ter influenciado em taxas de apagamento bastante elevada da coda /R/.

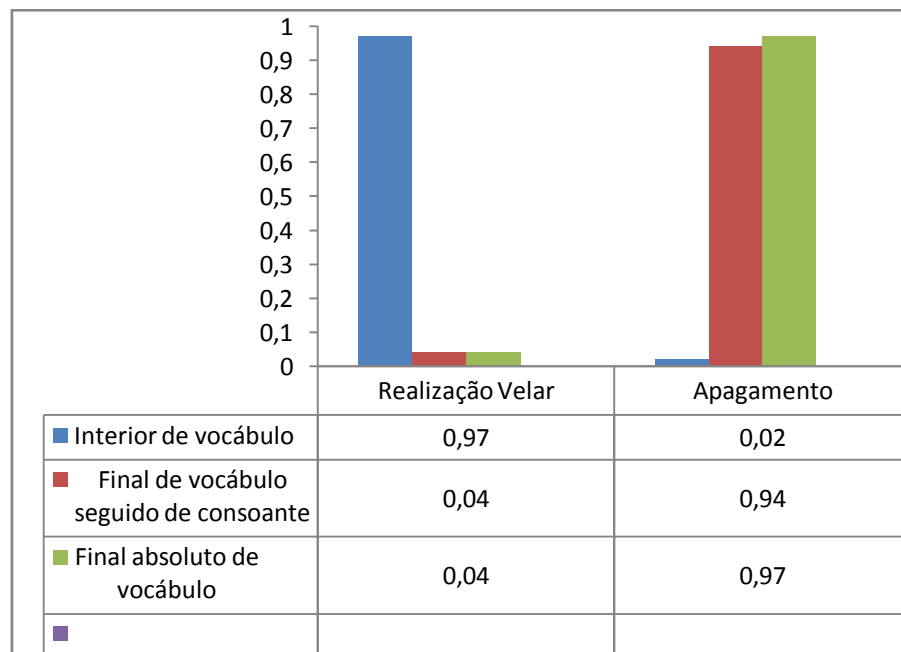
A segunda variante mais utilizada foi a variante velar com 32,8% das ocorrências. A variante glotal correspondeu apenas 0,3% do total de ocorrências o que indica que essa variante não faz parte do falar da comunidade. Houve, ainda, uma quarta variante, a variante aspirada que correspondeu a 3,2%.

Observou-se ainda que um dos fatores que foi considerado como mais importante ao apagamento, foi o contexto onde se encontrava a variável. Os resultados indicam que o ambiente externo do vocábulo é que mais favorece o apagamento, porém o ambiente interno favorece a manutenção da fricativa velar. Porém um resultado que mais chamou a atenção foi

os não-verbos que se trata nesta pesquisa de (conjunção, substantivo e adjetivo) que mais influenciou para a supressão do rótico, respectivamente com P.R de (0,99, 0,74, 0,59) contrariando os resultados de (CALLOU *et al*, 1996, p. 473; HORA, 2006, 2009, p. 39; apud Botassini 2011, p. 1065) e outras pesquisas que, revelaram a classe morfológica que mais favorece o apagamento é os verbos. O gráfico a seguir, mostra como ficou distribuída a realização das variantes predominantes na comunidade quilombola de Alto Alegre na posição do vocábulo: a fricativa velar e o apagamento do <R>.

**GRÁFICO 1: A influência da posição do vocábulo para as ocorrências das variantes predominantes na comunidade: a fricativa velar e o apagamento do <R>.**

As ocorrências das variantes predominantes na comunidade quanto à posição do vocábulo



No gráfico 1 podemos observar que a posição interna de vocábulo favorece a manutenção da fricativa velar com peso relativo de 0,97, enquanto em final de vocábulo seguido de consoante (0,94) e final absoluto de vocábulos (0,97) favorecem o apagamento.

No tocante ao fato de quase não haver o apagamento do rótico em ambiente interno (como em “perto”, “Arlinda”, “sertão”) bem como em não-verbos, outras pesquisas (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 473; HORA, 2006, p. 39; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008, p. 62; OLIVEIRA, 1983, HORA, 2009, p. 39 apud Botassini, 2011, p. 1065) já indicaram que, nesses ambientes, é frequente a manutenção do rótico, ao contrário da posição externa, principalmente em se tratando de verbos, contexto bastante favorável ao zero fonético.

Com referência aqueda do /r/ percebe-se comportamentos divergentes nas duas posições. Em sílaba interna, o fenômeno quase não ocorre (3% em média). No contexto final, o percentual de perda aumenta significativamente... (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 471 apud Botassini 2011)

A ação zero é mais elevada quando o /r/ é um morfema verbal, que acontece quase sempre como marcador de infinitivo e, em alguns verbos, no futuro do subjuntivo. (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 473 apud Botassini 2011)

Em relação ao apagamento do rótico [...], Oliveira (1983, p. 93) afirma: a) o apagamento é muito mais constante e proeminente em posição de final de palavra do que no interior da palavra; b) sua ausência em final de palavra é mais comum em verbos do que em não-verbos; [...] (HORA, 2009, p. 39 apud Botassini 2011, p. 1065).

Se os resultados obtidos nesta pesquisa forem comparados a outros trabalhos como os Callou, Moraes e Leite, 1996, p. 473 apud BOTASSINI 2011, p. 1065), que apresentam, em contexto medial, na cidade de Porto Alegre, 4% de queda do /r/ e, em contexto final, 37%, os resultados deste trabalho são bastante expressivos. Porém, vale destacar que esses altos índices de apagamento, expostos neste trabalho, se trata de uma comunidade quilombola que passou por um processo de transmissão linguística irregular, influenciado pelas línguas Africanas e Portuguesa, onde os informantes dessa comunidade devem ter aprendido à língua portuguesa precariamente.

Ainda relação ao apagamento, observou anteriormente que este é favorecido pelos falantes da faixa etária III. Esse resultado ratifica a hipótese de que há na comunidade de Alto Alegre um quadro de mudança em progresso, uma vez que os jovens estão indo em direção os padrões que usufruem de maior prestígio.

Para realização da variante velar teve o favorecimento da *posição do vocábulo*, da *classe morfológica do vocábulo*, da *vogal anterior*, da *consoante seguinte*, da *sonoridade da consoante seguinte e da classe morfológica do vocábulo*. Os resultados apresentados revelam que são os advérbios e os verbos, em ambiente interior de vocábulo, seguido de uma consoante vozeada é que mais favorecem a manutenção da fricativa velar.

No caso da realização aspirada, os fatores linguísticos que mais condicionaram a ocorrências desta variante foram: *a tonicidade da sílaba*, *a vogal antecedente*, *a consoante subsequente*; e os fatores extralinguísticos: *o sexo do informante e a faixa etária*. Vale ressaltar que, se trata de uma variante nova na comunidade e que são as mulheres mais novas que mais favorecem esta variante, comprovando o que (Labov, 2001, p. 283 apud Monaretto 2000, p. 265) que afirmam que as mulheres são mais inovadoras.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito teórico da sociolinguística variacionista. O objetivo desta pesquisa foi analisar a variação do <R> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre. Uma das hipóteses é de que o apagamento do rótico é uma das peculiaridades sociais e históricas de Alto Alegre. Em convergência a essa hipótese outra incumbência foi verificar se a variação <R> em coda silábica pode ser correlacionada ao processo de transmissão linguística irregular.

Nos resultados expostos até aqui, observa-se utilização mais do apagamento, sobretudo em coda final, com 63,7% do total de ocorrências de <R>. Em relação à distribuição por posição, em final absoluto de vocábulo somou 98,1%, em final de vocábulo seguido de consoante ficou com 94,1% e em interior de vocábulo somou 25,4%. Esses resultados são expressivos se comparado a outros trabalhos como o de Botassini (2011) que estudou a variação no uso do rótico em Porto Alegre e constatou que a taxa de apagamento é de (12,7%), e se tratando dos contextos de coda silábica interna e externa, indica que em contexto interno não há ocorrências dessa variante (0%), enquanto que o contexto externo essa ocorrência corresponde a (26%). Resultados que se assemelham com os de (Callou, Moraes e Leite, 1996, p. 473 apud BOTASSINI, 2011, p. 1065), que revelam, em contexto interno, na cidade de Porto Alegre, (4%) de queda do /r/ e, em contexto externo, (37%).

A segunda variante mais usada é a variante velar, com 32,8% das ocorrências, revelando a norma da comunidade, tendo como maior destaque de favorecimento, a posição do vocábulo, com peso relativo de (0,97), no contexto interior, enquanto que no contexto externo, o peso reativo foi muito baixo. A realização velar foi fortemente favorecida também nos contextos: *a vogal anterior, a consoante seguinte, a sonoridade da consoante seguinte e a consoante seguinte*. A terceira variante mais usada foi à aspirada, que como foi citado anteriormente, que se trata de uma substituição da consoante /R/ pela consoante /S/, com 3,2% das ocorrências; esta ocorrência foi favorecida apenas em contexto medial e de consoante oclusiva alveolar e africada desvozeada. Com relação ao fator extralinguístico, esta variante foi favorecidas, sobretudo pelas mulheres mais novas da comunidade. A quarta variante que apareceu no corpus foi a fricativa a glotal. Esta ocorreu apenas duas vezes, representando 0,3% do total de ocorrências.

Em relação aos fatores linguísticos selecionados, *a posição do vocábulo* destacou-se como variável altamente favorecedora para realização da fricativa velar e para o apagamento. Em interior de vocábulo, o peso relativo é significativo para a ocorrência da variante velar.

Enquanto que posição externa de vocábulo se mostrou favorecedora ao apagamento.

A variável classe gramatical também foi relevante e mostrou um resultado interessante: as *conjunções*, os *substantivos* e os *adjetivos* que favorecem a supressão do <R>. Embora muitos trabalhos tenham apontado que os verbos são favorecedores a esta realização, e apesar dos informantes realizado o apagamento em 252 ocorrências do total de 318, o que representou 79,2% do total, o programa GOLDVARB X não considerou os verbos como favorecedor ao apagamento. Neste trabalho o Programa apontou favorecimento dos não-verbos (conjunção, substantivo e adjetivo) para o apagamento, algo que não é comum, conforme indicam os trabalhos de (Callou; Morais; Leite, 1996, p. 473; Hora, 2009, p. 39; apud Botassini, 2011, p. 1065).

Em resumo, o apagamento do rótico teve como favorecedor a posição do vocábulo, este ocorreu sobretudo em posição final; a característica da *vogal antecedente*, principalmente se esta for a *semi-vogal anterior alta*, seguida pela característica da *consoante posterior*, principalmente se esta for uma *africada*, e a *classe morfológica* no caso dessa comunidade, principalmente se esta for uma *conjunção*.

A realização da fricativa velar foi altamente favorecida em *interior de vocábulo*, a característica da *classe morfológica*, principalmente se esta for um *advérbio*, tem o fator característica da *consoante posterior*, principalmente se esta for uma *oclusiva velar vozeada*, acompanhada pela característica da *vogal antecedente*, principalmente se esta for uma *posterior média-alta*.

A variante aspirada teve como fator mais pertinente, a tonicidade da sílaba, principalmente se esta for uma sílaba tônica, em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente*, principalmente se esta for uma *anterior alta*; *seguida pela consoante subsequente*; principalmente se esta for uma,oclusiva alveolar.

Com relação aos fatores extralinguísticos, o Programa indicou que são os falantes da faixa etária III que mais favorecem o apagamento, enquanto os falantes mais jovens desfavorecem esta realização. Com relação à realização da fricativa velar, nenhum fator social foi selecionado. No que diz respeito à realização aspirada, o programa indicou que são as mulheres e as pessoas da faixa etária mais jovem que mais favorecem esta realização, ou seja, são as mulheres mais jovens que mais utilizam essa variante.

Diante do que foi colocado aqui, conclui-se que há duas normas na comunidade, o apagamento em coda final e a fricativa velar. Embora muitos trabalhos tenham mostrado que o apagamento do rótico já é comum ao português brasileiro, os resultados mostraram que as



taxas de apagamento na comunidade quilombola de Alto Alegre é expressiva se comparada ao outros trabalhos. Esse resultado pode indicar que o apagamento da coda <R> pode ter sofrido influência do processo de contato entre línguas pelo qual, possivelmente, a comunidade passou e que influenciou para ocorrências de taxas tão elevadas, considerada um fenômeno categórico na comunidade.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In:\_\_\_FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. 2003.
- BOTASSINI, Jaqueline Ortelan Maria. **A variação no uso dos róticos em Porto Alegre**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 40 (2): p. 1060-1072, mai-ago 2011.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015
- CALLOU, Dinah; MORAIS, João; LEITE, Yonne. **Apagamento do R final no dialeto carioca**: Um estudo em tempo aparente e em tempo real. DELTA vol.14 specialissue. São Paulo 1998.
- CALLOU, Dinah Isensee. **Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil**: Análise de duas variáveis. UFRJ/CNPq/FAPERJ. 2015.
- CALLOU, Dinah Isensee e BRANDÃO, Silvia Figueredo. **Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil**: Análise de duas variáveis. Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq/FAPERJ. 2015.
- COSTA, Giselda dos Santos. **Estruturalismo Linguístico**. Florianópolis, 2000.
- FIORIN, José Luiz (org). **Linguística? Que isso?** São Paulo: Contexto. 2013
- GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Carolina R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LINARES, Anay; PEIXOTO, Camila; MOREIRA, Tiago. **Apagamento do /r/ em final de palavras**: um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular. Anais do CELSUL. 2008.
- LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística e o processo de formação do português do Brasil. In:\_\_\_ ROCANTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 272-284.
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**: um percurso histórico na linguística moderna. São Paulo: Parábola editorial, 2004.
- MONARETTO, Valéria N. Oliveira. **A vibrante Pós-Vocálica em Porto Alegre. Fonética e Variação**: Recortes do Português Brasileiro. UFRGS. 1992.
- MONARETTO, Valéria N. Oliveira. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In:\_\_\_BRESCANCINI, Cláudia e LEDA, Bisol (org.). **Fonologia e variação**: Recortes do

português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: \_\_MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do Português brasileiro: um tema em debate. In: \_\_ROCANTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da Linguística. In: \_\_FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. 2003.

RIBEIRO, Lorena Nascimento de Souza. **O apagamento do –R em posição de coda Silábica: há influência da fala na escrita discente?** 2013. Disponível em: <[http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ribeiro\\_lorena.pdf](http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ribeiro_lorena.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2017.

SANTOS, Gredson dos. ALMEIDA, Jailma da Guarda. **O ditongo decrescente <EI> no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 10, n.1, p. 239-252, 2017.

SANTOS, Gredson. **O português afro-brasileiro Helvécia-Ba: análise da variável <s> em coda silábica**. 272 f. il. 2012. Tese (Doutorado em Letras e linguística) – Instituto de Letras Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

**ANEXOS**